

LG pm 21

Projeto Memória – Lélia Gonzalez

1º Levantamento Bibliográfico

Acervo Redeh e Internet

1) Acervo Rede de Desenvolvimento Humano

1.1) Sobre Lélia Gonzalez

- BAIROS, Luiza. "Lembrando Lélia Gonzalez, 1935-1994", *Afro-Ásia*, nº 23. Salvador: Universidade Federal da Bahia. 22p.
- BARRETO, Raquel de Andrade. Angela Davis e Lélia Gonzalez: pontuando alguns aspectos das trajetórias. Disponível em: http://www.eliagonzalez.org.br/material/Resumo_Tese_Raquel.pdf Acessado em: 27 de julho de 2011.
- BASTHI, Angélica. Preciosas Argumentações de Lélia Gonzalez. In.: Cadernos de Crítica Feminista, ano IV, n.3, dez/2010. p.188-95.
- CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. A atualidade de Lélia Gonzalez. In. **Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina**. Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 34-48.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Depois da Festa: movimentos negros e "políticas de identidade" no Brasil. In. ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina (Org.) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 333-380.
- "Imagens de Lélia Gonzalez: mulher negra tem história". In. **Revista Eparrei**, 1º semestre/2003, Ano II, nº 04. Publicação da casa de Cultura da Mulher Negra, Santos, São Paulo. p. 06-10.
- LEITÃO, Miriam. A verdade é que eles sempre lutaram. In. *Revista A Cor do Brasil*. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.
- OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**, Vol. I. São Paulo: Congresso Nacional, Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998. p. 168.
- RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 317.
- SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007. p. 304-305.
- SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Lélia Gonzalez. In.: **Yoté: o jogo da nossa história (Livro do professor)**. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2010. p. 42-47.

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Lélia Gonzalez. In.: Yoté: o jogo da nossa história (Livro do aluno). Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2010. p. 35-38.

1.2) Por Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

_____. Currículo Lélia Gonzalez. Departamento de Sociologia e Política. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mulher e Constituinte. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, novembro de 1985 (Dentro há uma foto da 1ª Reunião do CNDM, em 11/09/1985).

1.3) Homenagem Lélia Gonzalez

Homenagem memórias e heranças: Lélia Gonzalez, 10 de anos depois. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 29 de julho de 2007. Organização: Cointer/SR3, Grupo de Estudo de Gênero e Feminismo – Núcleo de Estudos Contemporâneos e Laboratório Cidade e Poder/ Departamento de História da UFF.

Lélia Gonzalez, 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a condição da mulher negra. In. SOUZA, Andréia Lisboa de, EVARISTO, Conceição. Rio de Janeiro: Criola, 1998. p. 7; p.14-21.

Panfleto de apresentação do Espetáculo Teatral Candaces: a reconstrução do fogo. (O espetáculo homenageou Lélia Gonzalez). Companhia dos Comuns, 21 de março de 2003, estréia.

1.4) Atuação Política

Carta de renúncia ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 21 de julho de 1989 (Localização, **Caixa 1997-2002-2 CNDM**, esvaziamento, reestruturação, the end). Documento de renúncia com a assinatura de Lélia Gonzalez.

Manifesto de Indicação do Coletivo de Mulheres Negras para o Conselho Nacional da Condição Feminina, 04 de abril de 1985 (Localização, **Caixa 1997-2002-2 CNDM**, esvaziamento, reestruturação, the end).

“Testemunha do Tribunal Winnie Mandela”, promovido pela OAB/SP e CNDM, em 19 de novembro de 1988. In. **Informe Mulher/CNDM**, nº08, p. 08. (Localização, **Caixa 1985-1988 CNDM**).

Texto sobre a Campanha de Lélia Gonzalez no PDT e Panfleto da Campanha. "A nova Constituição em gestação". In. **Jornal Mulherio**, ano VI, nº 25, São Paulo, março/agosto de 1986. p.13-16.

2) **Acervo Internet**

2.1) **Sobre Lélia Gonzalez**

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
Disponível em: www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/.../0310340_05_pretextual.pdf
Acessado em: 28 de julho de 2011.

Entrevista de Cidinha da Silva para Marissel Hernandez.
Disponível em: <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2008/04/outra-entrevista.html> 21/
Acessado em: 25 de julho de 2011.

FELIPPE, Ana Maria. **Amefricanidade: uma categoria político-cultural**. Disponível em: <http://www.lesiagonzalez.org.br>

Acessado em: 25 de julho de 2011.

FELIPPE, Ana Maria. **Apresentação do site**.
Disponível em: <http://www.lesiagonzalez.org.br>
Acessado em: 25 de julho de 2011.

FELIPPE, Ana Maria. **Para (re) ver Lélia Gonzalez**.

Disponível em: <http://www.lesiagonzalez.org.br>, Acessado em: 25 de julho de 2011.

FELIPPE, Ana Maria. **Lélia Gonzalez: mulher negra na história do Brasil**.

Disponível em:

http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71

Acessado em: 29 de julho de 2011.

Lélia Gonzalez (1935-1994)

Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/main.asp?View=%7BEC5CAD8E-DA92-4DAA-A221-194D8...>

Acessado em: 25 de julho de 2011.

Lélia Gonzalez: pioneira do recorte de gênero no Movimento Negro no Brasil.

Disponível em:

http://www.abpn.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=54%3Alelia-gonzalez-pioneira-do-recorte-de-genero-no-movimento-negro-no-brasil&catid=24%3Amaterias&Itemid=23&lang=pt

Acessado em: 29 de julho de 2011.

Lélia de Almeida Gonzalez (01/02/35 – 10/07/94)

Disponível em: <http://www.criola.org/mulhereshtm>.

Acessado em: 8 de junho de 1999.

Lélia Gonzalez (1935-1994). In. **Mulheres conquistando o mundo: grandes mulheres.**

Disponível em: <http://mulheresvencedorashoje.blogspot.com/2008/08/>
Acessado em: 27 de julho de 2011.

Lélia Gonzalez: militante e mulher.

Disponível em: http://www.cedine.rj.gov.br/lelia_gonzalez.asp 21/
Acessado em: 25 de julho de 2011.

Lélia Gonzalez não viu o final da Copa do Mundo em 1994.

Disponível em: <http://www.eliagonzalez.org.br>
Acessado em: 26 de julho de 2011.

Lélia Gonzalez: pioneira do recorte de gênero no Movimento Negro, 13 de julho de 2009. Disponível em:

http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/mn_mn_t_biografia_1.htm#lelia
Acessado em: 25 de julho de 2011.

RATTS, Alex. **As amefricanas:** mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Fazendo Gênero 09: diásporas, diversidades, deslocamentos. Agosto de 2010. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/.../1278274787_ARQUIVO_Asamefricanas.pdf
Acessado em: 27 de julho de 2011.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Lélia Gonzalez e Outras Mulheres:** pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. Revista da ABPN, V.01, nº 01, março/junho, 2010. p. 1-12.

Disponível em: www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/24/14
Acessado em: 08 de agosto de 2011.

_____. **Lélia Gonzalez: uma amefricana.**

Disponível em: <http://www.irohin.org.br/imp/template.php?edition=18&id=65>
Acessado em: 26 de julho de 2011.

_____. **Relações Raciais, gênero e movimentos sociais:** o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em: www.cipedia.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=162343
Acessado em: 25 de julho de 2011.

WIKIPEDIA. Lélia Gonzalez.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9lia_Gonzalez
Acessado em: 29 de julho de 2011.

2.2) Por Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. **A democracia Racial:** uma militância. Entrevista à Revista SEAF, republicada em Uapê Revista de Cultura nº02. "Em cantos do Brasil".

Disponível em: www.eliagonzalez.org.br/material/DepoimtUape.pdf

Acessado em: 04 de agosto de 2011.

_____. **A juventude negra brasileira e a questão do desemprego.** Resumo apresentado na Segunda Conferência Anual do AFRICAN HERITAGE STUDIES ASSOCIATION – APRIL 26-29, 1979 (Painel sobre: The Political Economy of Structural Unemployment in the Black Community).

Disponível em: www.leliagonzalez.org.br

Acessado em: 08 de agosto de 2011.

_____. **Alô, Alô, Velho Guerreiro! Aquele abraço!** Carta ao apresentador Chacrinha, 3 p.

Disponível em:

http://www.4shared.com/document/MOaIZkOO/Carta_a_Chacrinha.html

Acessado em: 27 de julho de 2011.

_____. **“Beleza negra, ou: ora-yê-yê-ô”.** *Jornal Mulherio*. Ano II, nº 06, março/abril, 1982. p. 03.

Disponível em:

http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/II_6_1982menor.pdf

Acessado em: 11 de agosto de 2011.

_____. **Cidadania de segunda classe.** Aula proferida no curso “Cidadania e Racismo”. Promoção do Programa de Direitos Humanos e Cíveis/SOS Racismo, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN. Rio de Janeiro/RJ, 09 de junho de 1988. 14 p.

Disponível em:

http://www.4shared.com/document/TbWZ8O8k/Cidadania-SegundaClasse_Aula-n.html

Acessado em: 27 de julho de 2011.

_____. **Cultura, etnicidade e trabalho:** efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association, Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979.

Disponível em: www.leliagonzalez.org.br/.../Cultura_Etnicidade_e_Trabalho.pdf

Acessado em: 08 de agosto de 2011.

_____. **“Cumé que a gente fica?”** Afirma reproduz o texto de Lélia Gonzalez, apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de Outubro de 1980. Publicado como epígrafe do seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Disponível em:

http://www.afirma.inf.br/htm/negra/especial_lg_cumequeagentefica.htm,

Acessado em: 04 de agosto de 2011.

_____. **“E a trabalhadora negra, cumé que fica?”** *Jornal Mulherio*. Ano II, nº 07, maio/junho, 1982. p. 09.

Disponível em:

http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/II_7_1982menor.pdf

Acessado em: 11 de agosto de 2011.

_____. **“Homenagem à Zezé Motta: história de vida e louvor”**, 1984.

Disponível em: www.leliagonzalez.org.br/material/ZezeMotta.pdf

Acessado em: 09 de agosto de 2011.

_____. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*, Ano 02, nº 02, 2º semestre/1994. p. 383-386.

Disponível em: www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/30102009-034559lelia.pdf
Acessado em: 04 de agosto de 2011.

_____. “Lélia Gonzalez: uma mulher de luta”. Entrevista ao Jornal do MNU, s.d.

Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/lelia.html>

Acessado em: 04 de agosto de 2011.

_____. “Mulher Negra”. *Jornal Mulherio*. Ano I, nº 03, setembro/outubro, 1981. p.08-09.

Disponível em:

http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/I_3_1981menor.pdf

Acessado em: 11 de agosto de 2011.

_____. “Mulher Negra”. Versão 1, com algumas modificações, da comunicação “The Black Woman’s Place in the Brazilian Society”, apresentada na “1985 and Beyond: A National Conference”, promovida pelo African-American Political Caucus e pela Morgan State University (Baltimore, 9-12/agosto/1984).

Disponível em: www.leliagonzalez.org.br/material/Mulher_Negra.pdf

Acessado em: 05 de agosto de 2011.

_____. “O movimento negro na última década”. In: GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

Disponível em:

http://www.4shared.com/get/7EPTqh7V/Lugar_de_Negro_MN-na-Ultima-De.html

Acessado em: 27 de julho de 2011.

_____. “Por um feminismo afrolatinoamericano”. In: Isis Internacional & MUDAR – Mujeres por un Desarrollo Alternativo. *Mujeres. crisis y movimiento. América Latina y el Caribe*. Ediciones de las Mujeres, Núm. 9, 1988, 10 p.

Disponível em: <http://www.isis.cl/>

Acessado em: 03 de agosto de 2011.

_____. Prefácio à obra poética de Alzira Rufino. In. **Eu, Mulher Negra, Resisto**. Lançado na III Feira Internacional do Livro Feminista, Montreal, Canadá, junho 1988. 2p.

Disponível em: www.leliagonzalez.org.br/.../Prefacio_obra_poetica_de_Alzira.pdf

Acessado em: 03 de agosto de 2011.

_____. Racismo e Sexismo. Tradução da parte relativa a “racismo e sexismo”, do texto de Marion Glean O’Callaghan, “Racism, Sexism, Apartheid”, apresentado no Seminário Internacional sobre Mulher e Apartheid (Woman under apartheid – Helsinki, Finlândia, Helsinque, maio 1980). 2p.

Disponível em:

http://www.4shared.com/document/IjyTR8Qg/Racismo_e_Sexismo_LeliaGonzale.html

Acessado em: 27 de julho de 2011.

2.3) Homenagem Lélia Gonzalez

ANDRADE, Raquel Barreto de. **Uma carta para ti, Lélia Gonzalez**: saudades de quem não te conheceu, 09 de julho de 2004. (Carta em Homenagem à Lélia Gonzalez). Disponível em: http://www.afirma.inf.br/htm/negra/especial_lg_umacartaparati.htm
Acessado em: 08 de agosto de 2011.

Conferência de Angela Davis, em 13 de dezembro de 1997, em São Luís, Maranhão. I Jornada Cultural Lélia Gonzáles - promoção do Centro de Cultura Negra do Maranhão e Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, com o apoio da Fundação Cultural Palmares.
Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61201921/Angela-Davis-Confer-en-CIA-1997>
Acessado em: 28 de julho de 2011.

Educação Sexual na Escola - livro de concepção original faz homenagem a Lélia Gonzalez.
Disponível em: <http://leliagonzalez-informa.blogspot.com/2009/04/educacao-sexual-na-escola-livro-faz.html>
Acessado em: 29 de julho de 2011.

Homenagens à Lélia Gonzalez.

Disponível em: <http://www.leliagonzalez.org.br/material/Homenagens.pdf>
Acessado em: 28 de julho de 2011.

Memorial Lélia Gonzalez em Ações Afirmativas.
Ver: <http://afirmativas.blogspot.com/>
Acessado em: 29 de julho de 2011.

Memorial Lélia Gonzalez - Continente África
Ver: <http://continente-africa.blogspot.com/>
Acessado em: 29 de julho de 2011.

Memorial Lélia Gonzalez Informa
Ver: <http://leliagonzalez-informa.blogspot.com/>
Acessado em: 29 de julho de 2011.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Lélia Gonzalez: mulher negra soberana**, 09 de julho de 2004. Disponível em:
http://www.afirma.inf.br/htm/negra/especial_lg_lgmulhernegraesoberana.htm
Acessado em: 08 de agosto de 2011.

9º Congresso FETEERJ Lélia Gonzalez, de 27 a 30 de março de 2009, Nova Friburgo, Rio de Janeiro.
Disponível em: http://www.feteerj.org.br/site/boletim_show.asp?boletim_num=42
Acessado em: 29 de julho de 2011.

2.4) Atuação Política

Democracia Racial? Lélia Gonzalez, professora da PUC/RJ, e Diva Moreira, de Minas Gerais falaram em Nairobi no painel “Impacto da crise sobre a mulher negra”.
Disponível em:

http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/V_22_1985menor.pdf
Acessado em: 11 de agosto de 2011. p 14.

2.5) Prêmios Recebidos

Diploma Mulher-Cidadã, concedido pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, ALERJ - em 09 de março de 2004 (in memorian).

2.6) Material Áudio Visual

Vídeo: Benedita da Silva fala sobre Lélia Gonzalez, por Flávia Rios.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tHR8oMAAR04&feature=related>
Acessado em: 11 de agosto de 2011. Duração (2').

Vídeo: Entrevista concedida a Mali Garcia para o documentário "As Divas Negras do Cinema Brasileiro". Lélia Gonzalez – parte 1.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8&feature=related>
Acessado em: 10 de agosto de 2011. Duração: Parte 1 (10'16'').

Vídeo: Entrevista concedida a Mali Garcia para o documentário "As Divas Negras do Cinema Brasileiro". Lélia Gonzalez – parte 2.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aiTfzVKhsGw>
Acessado em: 10 de agosto de 2011. Duração: Parte 2 (11'21'').

Vídeo: Lélia Gonzalez (1935-1994), por Sueli Carneiro.
Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>
Acessado em: 11 de agosto de 2011. Duração (2'03'').

Vídeo: Trabalho pensamento político brasileiro – Lélia Gonzalez – ULBRA 01/2011, por Ana Honorato, Eliana Silva e Janine Cunha.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9TIPIDWX8ek>
Acessado em: 11 de agosto de 2011. Duração (4'55'').

Projeto Memória Lélia Gonzalez 2011

Proposta para o site: esqueleto – 2ª Versão

LINK - LINHA DO TEMPO

- 1935** - Nasce Lélia de Almeida, em Belo Horizonte, no dia 01º de fevereiro, filha de Dona Urcinda Seraphina de Almeida e Acácio Joaquim de Almeida. Imagem Sugerida: Foto de Belo Horizonte década de 1940 (MM-052(02) BH1938.png)
- 1942** - O irmão de Lélia, Jayme de Almeida, é contratado pelo time carioca Flamengo e muda-se com a família para o Rio de Janeiro. Seu Acácio morre pouco tempo depois.
- 1946** - Inicia o Ginásio na Escola Técnica Rivadávia Corrêa, perto da Central do Brasil, Rio de Janeiro. Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Álbum de Fotografias - Escola Rivadávia Corrêa - 1951 - Álbum de Fotografia - Lélia Gonzalez - 1951. jpg.
- 1952** - Cursa o Científico no tradicional Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.
- 1958** - Conclui o Bacharelado em História e Geografia na Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- 1959** - Conclui a Licenciatura em História e Geografia na UEG. Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Diploma Licenciado História e Geografia - 10-04-59 (ALG). jpg.
- 1963** - Recém graduada em Filosofia pela UEG, começa a lecionar no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da UEG e na Fundação Educacional e Universitária campograndense (FEUC).
(2) Imagens sugeridas: Acervo Lélia Gonzalez - Lélia Gonzalez - 31-01-63. jpg. e Lélia Gonzalez - 21-05-66. jpg.
- 1964** - Casa-se com Luiz Carlos Gonzalez, a quem conheceu na Faculdade de Filosofia da UEG. Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Luiz Carlos Gonzalez - Luiz Carlos Gonzalez, 29-12-1964. jpg.
- 1965** - Morre tragicamente seu marido Luiz Carlos Gonzalez. De luto, Lélia passa uma breve temporada em Barbacena, Minas Gerais.
- 1967** - Morre sua mãe Dona Urcinda, Rio de Janeiro.
- 1968** - Neste ano, além de lecionar no Centro de Estudos de Pessoal do Exército, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Gama Filho e no Colégio Santo Inácio; Lélia traduz do francês para o português o II Volume da Coletânea "Compêndio moderno de Filosofia". Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Lélia estudando - Tijuca, 1968 - foto 1. jpg.
- 1969** - Casa-se com o engenheiro Vicente Marota.
- 1970** - Começa a lecionar nas Faculdades Integradas Estácio de Sá (FINES).

- 1974** - Inicia um curso de extensão sobre Pensamento Lacaniano, com o Prof. Magno Machado Dias, um dos fundadores do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Imagem Sugerida: Jacques Lacan Corbis.jpg (primeira foto da esquerda para direita).
- 1975** - Inicia o Mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e participa da Fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.
- 1976** - Inicia o primeiro Curso de Cultura Negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ) e torna-se integrante da Assessoria Política do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN/RJ). Separa-se de Vicente Marota, seu segundo marido. Imagem Sugerida: Acervo Januário Garcia - Foto 26 - Reunião da Diretoria do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) - 1986 - 1987.jpg.
- 1978** - Com outras lideranças negras, funda o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em São Paulo, no dia 07 de junho, rebatizado de Movimento Negro Unificado. Leciona no Departamento de Letras da PUC-Rio e no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Imagem Sugerida: Acervo Januário Garcia - Foto 25 - Ação do Movimento Negro Unificado (MNU) - Zumbi está vivo - Ato público na Cinelândia - Rio de Janeiro - 1983.jpg.
- 1979** - Inicia uma intensa conexão internacional com lideranças negras de diversos países. Publica o artigo "Mulher Negra: um retrato", no jornal Lâmpião da Esquina. Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Jornal Lâmpião da Esquina - 04-79 (5).jpg.
- 1981** - Filia-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), tornando-se integrante do Diretório Nacional do partido. No dia 20 de novembro, participa de um ato solene na Serra da Barriga, Alagoas, em homenagem à Zumbi dos Palmares, importante liderança quilombola.
(2) Imagens Sugeridas:
Acervo Lélia Gonzalez - Assembléia Legislativa - PT - 1981.jpg.
Acervo Januário Garcia - Foto 44 - Dia Nacional da Consciência Negra - Serra da Barriga - Alagoas - 1981.jpg.
- 1982** - Candidata-se a Deputada Federal pelo PT, elegendo-se primeira suplente. Publica com Carlos Hasenbalg o livro "Lugar de Negro", uma obra de referência acadêmica.
(2) Imagens Sugeridas:
Acervo Januário Garcia - Foto 11 - Campanha Eleitoral PT - 1982.jpg.
Acervo Lélia Gonzalez - Diário e Livro Lugar de Negro - Livro Lugar de Negro - 1982 (capa).jpg.
- 1983** - Com outras mulheres negras funda o Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro. Publica na Folha de São Paulo um polêmico artigo "Racismo por Omissão".
(2) Imagens Sugeridas:
Acervo Januário Garcia - Foto 03 - Ação do Nzinga no Morro do Andaraí - Bloco Flor da Mina - 1988.jpg.
Artigos da Folha de São Paulo - 1983.08.13 - Folha de São Paulo.pdf.
- 1984** - Viaja para os Estados Unidos com uma bolsa concedida pela Fundação Ford e encontra-se com importantes lideranças femininas negras, como: Angela Davies, Annie Rogers Chambers, Helena Moore.
Imagem Sugerida: Acervo Lélia Gonzalez - Baltimore - Agosto, 1984 - Seminário 1985 and Beyond - Baltimore - USA, 08-84 (Lélia e Angela Davis 2) 2.jpg.

1985 - Designada pelo então Presidente da República José Sarney, torna-se integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Desliga-se do Partido dos Trabalhadores (PT). No mesmo ano, torna-se integrante do Conselho Diretor da Society for International Development/SID, com sede em Roma.

Imagem Sugerida: Pesquisa CNDM - Arquivo Nacional de Brasília - CNDM Foto da Primeira Presidenta do CNDM - Ruth Escobar -09-85 (Empresa Brasileira de Notícias - Getúlio Gurgel). jpg.

1986 - Filia-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), possivelmente influenciada por Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (1944). Candidata-se a Deputada Estadual pelo PDT, mas não se elegeu.

Imagem Sugerida: Acervo Januário Garcia - Foto 37 - Campanha Eleitoral do PT - 1982. jpg.

1987 - Leciona no Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e assume a Diretoria do Planetário da Gávea. Publica o livro "Festas Populares no Brasil", premiado na Feira de Leipzig, Alemanha.

(2) Imagens Sugeridas:

Acervo Lélia Gonzalez - PUC-Rio. 27-11-80. jpg.

Acervo Lélia Gonzalez - Festa da minha posse no PLA - RJ - 27-08-1987 - Lélia Gonzalez no dia de sua posse no Planetário. 27-08-87. jpg.

1988 - Participa do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) em Valença, no Rio de Janeiro. No dia 20 de novembro, lideranças do movimento negro organizam uma Marcha para homenagear Zumbi, principal líder do Quilombo de Palmares.

(2) Imagens Sugeridas:

Acervo Januário Garcia - Foto 21 - Marcha contra a Farsa da Abolição - 1988. jpg.

Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra - Cartaz de Divulgação do I Encontro Nacional de Mulheres Negras. jpg (Enviar por e-mail).

1989 - A poucos meses de findar o seu mandato, desliga-se, com as outras conselheiras, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em protesto ao esvaziamento do órgão por parte do governo.

1990 - Na volta de uma viagem à África, Lélia surpreende-se com uma diabetes tipo B. Com a saúde um pouco debilitada, inicia um tratamento médico.

1994 - Toma posse como Diretora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio. No dia 10 de julho morre em sua casa no Cosme Velho, na companhia de sua sobrinha Eliane, vítima de um enfarto no miocárdio. Deixa um grande legado para o movimento negro brasileiro.

(2) Imagens Sugeridas:

Acervo Lélia Gonzalez - Dakar- julho de 1979 - Lélia Gonzalez, s.d. jpg.

Acervo Lélia Gonzalez - Fotos Variadas de Lélia Gonzalez - Santa Teresa - RJ, s.d. jpg (O crédito correto desta foto é Ladeira dos Guararapes - Cosme Velho - RJ, s.d.).

2003 - Homenageada no catálogo da montagem teatral Candaces: a reconstrução do fogo, de Marcio Meirelles e Cias. dos Comuns. Nesse mesmo ano, a ONG Geledés - Instituto da Mulher Negra cria o "Centro de Documentação Lélia Gonzalez". Nesse mesmo ano, Ana Maria Felipe, amiga e parceira de Lélia, cria o site www.leliagonzalez.org.br para compilar e divulgar os escritos e pensamentos de Lélia Gonzalez.

(2) Imagens Sugeridas:

Acervo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória LG) - Catálogo Candaces - 21-03-2003 (1). jpg.

Acervo Ana Maria Felipe - Selo do site Memória Lélia Gonzalez.

2004 - Homenageada *in memoriam* com o Diploma Mulher Cidadã Leolinda de Figueiredo Daltro, concedido pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).

2005 - A historiadora Raquel Barreto defende a dissertação de mestrado “Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez”, no Departamento de História da PUC-Rio.

2006 - A historiadora Elizabeth Viana defende a dissertação de mestrado “Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990”, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

2009 - O Núcleo de Estudos Afro Asiáticos, da Universidade Estadual de Londrina (UEL-Paraná), cria a “Biblioteca Lélia Gonzalez”.

2010 - Os pesquisadores Alex Ratts e Flavia Rios publicam uma biografia sobre a vida e obra de Lélia Gonzalez. Imagem Sugerida: Acervo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória LG) - Livro Lélia Gonzalez - Retratos do Brasil Negro - 2010 - Capa do Livro Lélia Gonzalez. jpg.

2011 - Pelo segundo ano consecutivo a Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro entrega o “Diploma Lélia Gonzalez”: concedido às mulheres negras que lutam em defesa da classe trabalhadora e contra a discriminação racial. Imagem Sugerida: Diploma Lélia Gonzalez. Disponível em: <http://doolharnegro.blogspot.com.br/2011/09/foto-texto-e-edicao-adilson-goncalves.html>

2011 – Homenageada pelo Projeto Memória – Fundação Banco do Brasil - o qual desde o ano de 1997 resgata a vida e a obra de personalidades da nossa história que muito participaram da construção social, política e cultural de nosso país.

LINK - VIDA

De um Belo Horizonte para uma cidade maravilhosa

Lélia de Almeida, seu nome de batismo, nasceu no dia 01º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. A décima sétima e penúltima filha de Dona Urcinda Seraphina de Almeida e seu Acácio Joaquim de Almeida.

Sua mãe nasceu no Espírito Santo, filha de Deolinda Serafim dos Anjos e José Serafim dos Anjos, em 29 de março de 1898, de origem indígena, do lar e analfabeta. Seu pai era um homem negro, nascido na Lei do Ventre Livre¹, e chefe de ferrovia.

Dona Urcinda casou-se, com seu Acácio, aos treze anos de idade contra a vontade de sua família, pois estava ‘prometida’ para um italiano, louro de olhos azuis. No final do século

¹ **Saiba mais:** A Lei do Ventre Livre nº 2.040 foi promulgada no dia 28 de setembro de 1871, no Brasil, e vigorou até o fim da escravidão em 1888. O artigo primeiro da Lei versava que: “os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre”. Vale lembrar que desde 1850, por pressão da Inglaterra, o tráfico de africanos escravizados foi extinto, no entanto o comércio continuou clandestinamente, até a Lei Áurea em 1888, a qual aboliu definitivamente o sistema escravocrata.

XIX, o Estado financiou a vinda de imigrantes europeus – incluindo italianos – para suprir a mão de obra recém liberta e, há quem diga, para branquear a população. O destino deles variava entre São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo.

Não esqueçamos, também, que os casamentos eram arranjados pelas famílias, talvez por isso Dona Urcinda estivesse ‘prometida’ a um italiano. Será que foi fácil para ela suplantar esses costumes da época para se casar com seu Acácio?

Isso não se sabe ao certo. Mas, apaixonados, casaram-se e permaneceram no Espírito Santo por algum tempo, onde nasceram seus primeiros filhos: Elisa (1913), futuramente cantora lírica e costureira da alta sociedade carioca; e Francisco (1915), funcionário chefe da COMLURB.

O destino de um ferroviário era a estrada. Em seguida, foram transferidos para São Fidélis, Rio de Janeiro. Neste Município, nasceram alguns filhos e filhas: Cacilda (1917), carinhosamente chamada pelos/as sobrinhos/as de Tia Caçula, uma mulher do lar; Alfredo (1919), mecânico, falecido na década de 1950; Jayme (1921), jogador de futebol do Flamengo; Bráulio (1923) faleceu jovem também e, por fim, Acácio (1925) que foi para a Segunda Grande Guerra, retornando com sequelas.

Com o crescimento industrial, as metrópoles receberam um grande número de trabalhadores. Nessa ocasião, a família Almeida seguiu para São Paulo, cidade que, nos anos 1920, contabilizava 580 mil habitantes. Em pouco tempo que viveram nessa cidade, nasceu Nair (1927), futuramente auxiliar de enfermagem e parteira na cidade de Petrópolis, RJ. Em seguida, seu Acácio foi transferido para o Rio de Janeiro e, numa breve temporada, nasceu a carioca Lígia (1929), do lar, foi a última a falecer no ano de 1998.

Da cidade maravilhosa, seguiram para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, onde nasceram: Maria das Dores, a Dora (1931), do lar; Sebastião, Tio Tião (1933), jogador de futebol do Flamengo; Lélia (1935) e, por fim, Geraldo (1937), motorista, trabalhou para o governo do Paraná e morreu por lá. No total, Dona Urcinda engravidou dezoito vezes, mas perdeu cinco filhos/as ao longo desse processo. Todos/as nasceram em casa, com o auxílio de uma parteira.

Com o fim da República Velha, a década de 1930 inaugurou a era Vargas, até o ano de 1945, com a ascensão de Getúlio ao poder. Foi um período em que as mulheres conquistaram o direito de voto, introduzido no Código Eleitoral de 1932, instaurando uma nova fase na cultura política brasileira. As eleições para Assembléia Nacional Constituinte de 1933² garantiram o

² **Saiba mais:** A 14 de outubro de 1934 promoveram-se eleições gerais, com disputa para os cargos de governador e por vagas para a Câmara Federal e as Assembleias Constituintes Estaduais. Bertha Lutz candidatou-se à Câmara Federal, mas novamente não conseguiu ser eleita, alcançando a primeira suplência. No entanto, em todo o Brasil, nove mulheres foram eleitas deputadas estaduais. Dentre elas, três eram ligadas à Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (FBPF), onde ascenderam a postos de liderança e alcançaram visibilidade política suficiente para serem

alistamento das mulheres como eleitoras e candidatas. A Constituição de 1934 consagrou o princípio da igualdade entre os sexos, o direito do voto feminino, além de introduzir garantias de proteção ao trabalho da mulher. Até então, as medidas de Getúlio Vargas traduziam um poder democrático e consolidavam um Estado de Direito.

No entanto, em 1937, o presidente, apoiado por setores sociais conservadores, transmitiu, pelo rádio, a 'nova ordem' do país conhecida como Estado Novo, instaurando um regime autoritário. Dentre as medidas tomadas: os parlamentos foram fechados, as eleições livres foram suspensas e as ações dos movimentos sociais foram suprimidas, inclusive do movimento de mulheres.

No âmbito econômico, foi um período de construção de novos centros industriais. Em Belo Horizonte, a construção da Pampulha foi um dos apogeu da arquitetura de Oscar Niemeyer. A capital mineira crescia e fervilhava com a indústria cinematográfica. A década de 1930 assistiu a estréia de grandes produções estrangeiras, como: King Kong (Merian C. Cooper, 1933); Aconteceu naquela noite (Frank Capra, 1934); Tempos Modernos (Charles Chaplin, 1936), dentre outras.

Com a transmissão do som nas reproduções, as salas de cinema tiveram que se modernizar. Foi uma fase de ouro para o cinema, sem contar, o burburinho que o público fazia na sala de espera. O Cine Brasil, uma das maiores salas de exibição da capital mineira, foi um marco na vida cultural e social da cidade.

Além de filmes internacionais, eram exibidas produções nacionais. Os diretores Wallace Downey, João de Barros e Alberto Ribeiro investiram na temática do Carnaval e produziram o musical "Alô Alô Brasil!" com Carmem Miranda, Ary Barroso, Aurora Miranda, Dircinha Batista, dentre outras personalidades no elenco.

Os avanços dos meios de transporte e da comunicação integravam todas as regiões do país. A busca por melhores oportunidades de emprego atraiu grande parcela da população brasileira às metrópoles, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo.

A família Almeida não fugiu à regra. Jayme, irmão de Lélia, era jogador de futebol do Atlético Mineiro e recebeu um convite para jogar no time carioca Flamengo. A capital da República era o destino desejado por muitos. Com isso, no ano de 1942, todos migraram para a

eleitas: Maria Luísa Bittencourt, eleita na Bahia; Lili Lages, em Alagoas; Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, em Sergipe; Antonieta de Barros, de Santa Catarina, e Maria do Céu Pereira Fernandes, do Rio Grande do Norte. Além destas, Maria Teresa Nogueira de Azevedo e Maria Teresa Silveira de Barros Camargo, por São Paulo; Zuleide Bogéa e Rosa Castro pelo Maranhão também conseguiram um mandato para as Assembleias de seus estados. Fonte: SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

cidade maravilhosa, inclusive seus pais, e foram morar no bairro do Leblon. Mas, nem tudo são flores. Seu Acácio, já com certa idade, faleceu assim que chegaram.

Sugestão de Imagens:

1. Foto de Belo Horizonte MM-052(02) BH1938.png (Enviada por Bete).
2. Foto do Cine Brasil BH. Disponível em: <http://www.vmcinebrasil.com.br/cine/decada30.php>
3. Sugestão – foto de Carmem Miranda no Alô Alô Brasil!
4. Foto de Locomotivas no início do século XX.
5. Fazer um mosaico com as seguintes fotos Acervo Redeh - Fotos Família Lélia.
Mano Jayme. jpg.
Mano Tião. jpg.
Mano Geraldo. jpg.
Acervo Lélia Gonzalez - Belo Horizonte. 1956. jpg.
6. Acervo Redeh – Suffragistas por Raul. Fon-fon. 16 maio 1914. jpg.
7. Acervo Redeh - A Mulher na Constituinte. reportagem de Rachel Prado. Revista da Semana, 20 maio 1933. jpg.
8. Foto do Golpe de Getúlio Vargas – 1937.
9. Foto do Rio de Janeiro na década de 1940.

Os anos nem tão dourados de Lélia

Com o falecimento de seu Acácio, os/as irmãos/ãs mais velhos/as assumiram o sustento da casa. Fato, ainda comum, nas famílias menos abastadas. Elisa, a primogênita do casal, praticamente educou e cuidou dos/as irmãos/ãs mais novos/as, auxiliando sua mãe. Lélia foi praticamente filha desses/as irmãos/ãs e, este fato, contribuiu para que ela pudesse se dedicar aos estudos.

Mas, não foi fácil não. Dados estatísticos comprovam que no Brasil de 1940, menos de 1/3 das crianças entre 07 e 14 anos freqüentava a escola e a situação era ainda pior para as negras de baixa renda. Lélia estudou com muita dificuldade. Contou com a ajuda da família e amigos/as próximos/as. De todos/as os/as filhos/as de seu Acácio e dona Urcinda, ela foi a única a concluir uma faculdade.

Ainda em Belo Horizonte, iniciou o jardim de infância com o apoio de uma família italiana. Dona Urcinda foi ama-de-leite de uma criança dessa família, cuja mãe falecera no parto, e Lélia a acompanhava na amamentação. Todos se afeiçãoaram a ela, oferecendo-se para financiar seus estudos.

Desde criança, ela demonstrava grande interesse pelos livros, o que contrariava dona Urcinda, uma mulher conservadora que almejava para as filhas a mesma vida que teve: dedicada ao lar. Quando percebeu que a filha era firme em suas convicções e perseverante, acabou cedendo e aprovando seu desejo.

No Rio de Janeiro, Lélia começou a frequentar o primário na Escola Manuel Cícero, localizada no bairro vizinho, na Gávea. As instituições escolares, na década de 1940, baseavam-se no humanismo, proposta idealizada pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema. Em 1945, com o fim da era Vargas, floresceu a perspectiva de democratização do ensino público, ainda baseada nos princípios humanistas.

Os avanços no âmbito da educação foram contemplados na Carta Magna de 1946, a qual restabeleceu o estado de direito e garantiu a gratuidade do ensino primário, principalmente para os menos abastados. Neste aspecto, Lélia foi beneficiada e pôde dar continuidade aos seus estudos.

Do Leblon, posteriormente, Jayme comprou uma casa no bairro de Ricardo de Albuquerque, Zona Norte do Rio de Janeiro, e a família se mudou para lá. Lélia foi então estudar na Escola Rivadávia Corrêa. Nessa época, o trem tornou-se o principal veículo para o deslocamento de Lélia até a escola que se localizava próximo à Central do Brasil, principal estação ferroviária da capital que liga o Centro aos bairros da Zona Norte e a outros Municípios. Os bondes também circulavam pela cidade ligando diversos bairros.

Neste vai e vem, Lélia concluiu o ginásio na Escola Rivadávia Corrêa, em 1951. Um lugar de memórias e recordações registradas em seu Caderno de Lembranças, um diário que guarda diversos depoimentos de professores/as sobre a aluna Lélia.

Com forte base adquirida na escola primária e ginasial, Lélia ingressou no tradicional Colégio Pedro II³, no ano de 1951/2. As instituições públicas eram de excelência e não era fácil ser aluno de uma delas. Havia certo glamour em pertencer ao Instituto de Educação e/ou ao Pedro II. O ensino rigoroso garantia a entrada dos/as estudantes nas melhores universidades. Além da dedicação individual de cada um/a.

Esta virtude, Lélia tinha de sobra. Aos dezenove anos concluiu o científico e entrou para Universidade do Estado da Guanabara – UEG –, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde se formou em História e Geografia, no ano de 1958, e Filosofia, no ano de 1962.

A vida não era, e não é feita, somente de obrigações. Lélia sabia disso, gostava de viver, ter amigos, conversar e, porque não namorar. Na faculdade de filosofia, seu coração bateu mais forte por um estudante de psicologia, Luiz Carlos Gonzalez.

Sugestão de Imagens: Contexto histórico

1. Foto da Central do Brasil – Rio de Janeiro na década de 1940/50.
2. Foto dos Bondes Rio de Janeiro década de 1940.

Fazer um leque, ou um mosaico, com as imagens abaixo:

3. Acervo Lélia Gonzalez - Album de Fotografia - Lélia Gonzalez - 1951. jpg. (ALG).
4. Acervo Lélia Gonzalez - Diário Preto década de 1950 - Diário Lélia Gonzalez - capa - década 1950 (1). jpg.
5. Acervo Lélia Gonzalez - Diário Preto década de 1950 - Diário Lélia Gonzalez - março 1952 (ALG). jpg.

³ O Colégio Pedro II fundado no Brasil Império, em 1837, durante 90 anos não permitiu o ingresso de nenhuma estudante do sexo feminino. Conta-nos a história que, até o ano de 1883, a instituição foi exclusivamente masculina, até receber as filhas do professor de medicina Candido Barata Ribeiro: Cândida e Leonor. No entanto, em 1885, o Ministro da Instrução deu por encerrado o ensino misto e as poucas alunas que tinham foram transferidas para a Escola Normal, para o Liceu de Artes e Ofícios ou para o curso gratuito feminino do Externato do Instituto Nacional de Instrução. Em 1927, Yvone Monteiro da Silva obteve uma autorização para ingressar no Colégio Pedro II, concluindo após 06 anos de estudo. Fonte: SCHUMAHER, Schuma. Um Rio de Mulheres: a participação das fluminenses na história do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: REDEH, 2003.

6. Acervo Lélia Gonzalez - Lélia estudando - Tijuca, 1968. jpg. (ALG).
7. Acervo Lélia Gonzalez - Cartazes Acervo Lélia Gonzalez - Diploma de Bacharel Pedro II - 29-12-54 (ALG). jpg.
8. Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Diploma Licenciado História e Geografia - 10-04-59 (ALG). jpg.
9. Acervo Lélia Gonzalez - Lélia Gonzalez - Teresópolis, 1961. jpg.

Entre livros e amores

Quando concluiu a graduação, Lélia já lecionava no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da UEG e na Fundação Educacional e Universitária Campo Grandense (FEUC). A docência era um caminho possível, sobretudo para os/as que tinham diploma de licenciatura.

Além da sala de aula, Lélia se dedicava à família, às primeiras publicações e Luiz Carlos Gonzalez. No início da década de 1960, nasceu Rubens Rufino, caçula de sua irmã Dora, que já tinha três filhos: Roberto, Roselívia e Roseni. As dificuldades, num primeiro momento, fizeram com que Maria das Dores – Dora – desistisse da gravidez. Era uma mulher do lar e não tinha recursos suficientes para manter quatro filhos.

Por outro lado, a família Almeida estava sempre de prontidão para ajudar e oferecer apoio ao que mais necessitava. Nessa ocasião, Lélia trabalhava e era independente financeiramente. Talvez por isso, ela tenha incentivado sua irmã a ter o filho e tornou-se, praticamente, a segunda mãe dele. Rubens Rufino, apelidado de Manéu, quando começou a balbuciar as primeiras palavras chamava as duas de mãe: mãe Dora e mãe Lélia.

O ano de 1964 foi uma reviravolta na vida pessoal de Lélia e na vida política brasileira, também. No dia 31 de março, os militares assumiram o poder e instauraram um regime autoritário. Os atos institucionais administravam o país e fortaleciam o poder dos novos governantes. O cenário era de censura, de controle, mas também de muita efervescência sociocultural.

Nesse período, sem a benção da família dele, Lélia oficializou sua união com Luiz Carlos e não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Embora felizes com o casamento, ambos começaram a enfrentar problemas com a tradicional família dele. Segundo Lélia: “quando descobriram que estavam legalmente casados veio o pau violento em cima de mim; claro que me transformei numa ‘prostituta’, numa ‘negra suja’ e coisas assim desse nível”⁴.

Até então, Lélia era uma historiadora, geógrafa e filósofa que cumpria com suas obrigações docentes, sem nenhum foco, ou interesse, na questão racial. Quando os conflitos se acentuaram, Luiz Carlos rompeu relações com a família. Com isso, Lélia começou a despertar para o racismo na sociedade brasileira, com maior ênfase na mulher negra, invisibilizada pela História Oficial. No entanto, esta bandeira de luta foi levantada por ela, anos depois, já na militância do movimento negro.

⁴ **Nota de rodapé:** Este depoimento de Lélia foi publicado na íntegra no ano de 1994 e está disponível em: Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas, 383, nº02.

Além da docência, ela estreou no mercado editorial, com traduções de autores franceses, idioma que falava fluentemente e aprendera no Rivadávia Corrêa. “O Curso Moderno de Filosofia”, de Denis Huisman e André Vergez, foi o primeiro deles.

Não imaginava ela, certamente, que uma tragédia assombraria o seu sossego. Luiz Carlos Gonzalez se suicidou no ano seguinte ao casamento. Segundo ela, “suas relações com a família eram tão complicadas que ele acabou se matando”⁵. Muito abalada com a morte dele, Lélia resolveu ‘esfriar a cabeça’ e viajou brevemente para Barbacena. Esta escolha, talvez, não tenha sido involuntária, uma vez que Lélia nasceu e passou parte de sua infância em Minas Gerais. Ela guardava uma memória doce e pueril da meninice, voltar para lá significava resgatar essas origens.

Ao retornar para o Rio de Janeiro, suas atividades cotidianas foram retomadas. No ano de 1966, traduziu o segundo volume dos autores Denis Huisman e André Vergez, denominado “A ação”. As teorias filosóficas estavam em evidência e Lélia se aprofundava nesses estudos com voracidade. Era uma forma de ocupar o seu tempo e, com isso, elaborar melhor a perda de Gonzalez.

Foi um momento de recolhimento, e oportuno até. O regime militar nas mãos do general Artur da Costa e Silva sufocava qualquer manifestação popular. Por outro lado, os valores morais da família começaram a ser questionados pela juventude, que não assistia indiferente ao que estava acontecendo. A cultura jovem ganhou visibilidade em diferentes manifestações artísticas, as quais fortaleceram os ideais de democracia e liberdade.

Nesta efervescência, Dona Urcinda faleceu, vítima de um infarto do miocárdio, aos 69 anos. Com isso, a família Almeida se espalhou. As filhas Dora e Nair foram viver em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Lélia e Elisa permaneceram no mesmo bairro, porém em outra rua. Na Tijuca, se mudaram para um apartamento maior, juntamente com Rubens – na época com seis anos – e Eliane de Almeida, filha única de Elisa. Os irmãos estavam prontamente unidos nessas horas e amparavam uns aos outros, sempre que podiam.

Lélia não se dava por vencida, após cada perda, ou dificuldade, se levantava mais fortalecida. Em 1968, traduziu mais um volume dos autores Denis Huisman e André Vergez, “O pensamento”. Nesta ocasião, começou a organizar em sua casa encontros de reflexão filosófica, que reuniam amigos e alunos. A filosofia existencialista estava em pauta e pensadores/as europeus como Sartre e Simone de Beauvoir⁶ estavam em evidência. Em um desses encontros,

⁵ **Nota de rodapé:** Entrevistas/depoimentos Jornal O Pasquim, Rio de Janeiro, ano XVII, 20/03 a 26/03, n. 871, p.8-10.

⁶ **Saiba mais:** Jean Paul Sartre (1905-1980) foi filósofo, escritor e dramaturgo francês considerado um dos maiores expoentes da doutrina existencialista. Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma filósofa francesa, feminista, companheira de Sartre, publicou uma importante obra denominada O Segundo Sexo (1949), na qual cunhou a célebre frase: “a mulher não nasce mulher torna-se mulher”.

ela convidou seu vizinho, Januário Garcia, para participar. Foi o início de uma amizade e parceria para vida toda.

Além da filosofia, história e geografia, Lélia fez incursões pela psicanálise, antropologia, candomblé, meditação, como se estivesse buscando uma resposta para sua existência. Nessas andanças conheceu o engenheiro Vicente Marota, segundo parentes uma grande paixão, com quem viveu até o ano de 1976.

Sugestão de Imagens:

1. Contexto Histórico: Foto marcante do Golpe Militar. O Global.jpg e/ou Folha3.jpg (Enviada por Bete).
2. Acervo Redeh – Um mosaico de Fotos Família Lélia - Rubens, Roberto e Roselivia 05-05-2012 (1).jpg.
3. Acervo Lélia Gonzalez - Luiz Carlos Gonzalez, 1965 .jpg. (ALG).
4. Fazer um mosaico com Acervo Lélia Gonzalez - Fotos 3X4 –
Lélia Gonzalez - 31-01-63, jpg
Lélia Gonzalez - 21-05-66, jpg.
Lélia Gonzalez - 03-06-68
5. Acervo Lélia Gonzalez - Lélia na casa de um aluno - Tijuca, 1965. jpg. (Lélia Gonzalez - Tijuca, 1965-66) (ALG).
6. Capa dos Livros traduzidos. Disponíveis em:
<http://www.francisco-paula.nom.br/Culto/livros.htm> e <http://www.freitasbastos.com/compendio-moderno-de-filosofia.html>

Buscando suas origens...

O despertar de Lélia para o racismo na sociedade brasileira e para sua condição de mulher negra não ocorreram do dia para noite. Alguns fatores contribuíram para isso, mas talvez um tenha sido determinante. A experiência da discriminação, sobretudo em seu casamento, mostrou para ela as diversas faces do racismo, camuflado no discurso da ‘democracia racial’⁷. O sociólogo Florestan Fernandes, na década de 1950, concluiu que o preconceito no Brasil é de cor, mas opera, também, em termos de classe econômica. Segundo ele, desde o período colonial, foi enraizada na sociedade a ideia equivocada de que os sujeitos brancos e negros ocupam ‘lugares’ distintos. É uma estratégia das elites de manter o status quo.

Além disso, sua vivência na academia – um ‘lugar’ hegemonicamente branco – passou a ser objeto de reflexão, uma vez que era considerada aquela ‘pretinha legal, muito inteligente’, características não compatíveis, historicamente, para uma mulher e negra. O ‘lugar’ reservado para ela era a cozinha, cenário tipicamente colonial.

No entanto, essas contradições começaram a aparecer quando ela percebeu que era uma pessoa de cuja embranquecida e desconhecia qualquer teoria, a não ser a ocidental européia. Para se reconciliar com suas origens de mulher negra, Lélia buscou os estudos da psicanálise lacaniana e do candomblé – religião de matriz africana.

⁷ **Saiba mais:** O mote da ‘democracia racial’ foi consolidado, na década de 1930, com a publicação da obra Casa Grande & Senzala do pernambucano Gilberto Freyre. Nela, o autor reforçou a suposta ‘cordialidade’ em que viviam as três raças consideradas fundantes da identidade nacional brasileira: brancos, negros e índios. Na década de 1950, o sociólogo Florestan Fernandes desconstruiu esta teoria ao afirmar que o preconceito no Brasil é de cor e opera em termos de classe. Embora combatido academicamente, esse ‘mito da democracia racial’ ainda se encontra no imaginário da sociedade brasileira e é considerado um dos grandes obstáculos da luta antirracista.

Nessa ocasião, a literatura africana foi privilegiada por ela, em detrimento dos filósofos ocidentais. Segundo a amiga Ana Maria Felipe (2003), “Lélia lia tudo e sabia o suficiente sobre Hegel, por exemplo, para chamá-lo de ‘cretino’, porque esse dizia que África não tinha história”⁸.

Com toda essa criticidade, aliada, também, a acontecimentos nacionais e internacionais, Lélia começou a enegrecer e seu corpo tornou-se um território político. Sua cabeleira *Black*, suas roupas coloridas e sua atitude traduziam a resistência negra.

A questão racial estava em pauta; no Brasil, lideranças, como Abdias do Nascimento⁹, desde a década de 1940, exigiam publicamente o reconhecimento de uma identidade negra. Por conta do Ato Institucional nº 05, em 1968, exilou-se nos Estados Unidos. Neste país, desde a década de 1950, pipocavam iniciativas por parte dos negros americanos, os quais reivindicavam direitos civis igualitários. Um dos episódios marcantes dessa época foi a prisão da costureira negra Rosa Parks, que se recusou a ceder o seu lugar no ônibus para um homem branco¹⁰. O pastor Martin Luther King, um dos maiores porta-vozes desta luta, organizou um boicote no sistema de transporte por 381 dias, em apoio a ela. Na África do Sul, Nelson Mandela, principal expoente do movimento contra apartheid, estava preso na Ilha do Cabo, gerando uma série de manifestações em seu país e mostrando ao mundo a política segregacionista imposta pelo colonizador.

O governo militar brasileiro tinha suas estratégias, nada pacíficas, para manter o controle e a ordem social. Por outro lado, o movimento estudantil fervia insatisfeito com a política imposta. Um grupo sequestrou o embaixador americano Charles Burke, no Rio de Janeiro, e exigiu a libertação de presos políticos. Ou seja, aqueles que eram contra o regime também se articulavam de alguma forma. A música era, dentre outras, uma forma de contestação: “(...) Nesse período, o movimento musical é intensificado com a chamada Era dos Festivais. As canções de protesto adquirem importância, ocupando o papel de contestadoras da sociedade. Muitos são perseguidos pela ditadura nessa época (...)”¹¹.

O V Festival Internacional da Canção, em 1970, no Rio de Janeiro, trouxe o ator negro Tony Tornado, que interpretou a canção BR03, de autoria de Tibério Gaspar e Antonio Adolfo,

⁸ **Nota de rodapé:** FELIPPE, Ana Maria. Para (re) ver Lélia Gonzalez. Revista Eparrei, 1º semestre/2003, Ano II – nº 04. Publicação da Casa de Cultura da Mulher Negra – Santos/SP.

⁹ **Saiba mais:** Abdias do Nascimento (1914-2011) foi uma das grandes lideranças do movimento negro no século XX. Em 1944, fundou o Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, uma entidade que - através de aulas de iniciação cultural e alfabetização, artes cênicas e concursos de estética - tinha como objetivos combater o racismo na nossa sociedade e exigir o reconhecimento de uma identidade negra.

¹⁰ **Saiba mais:** A Constituição Federal Americana sempre garantiu a igualdade entre os cidadãos, mas também a autonomia dos estados. Com isso, valendo-se deste direito, alguns aprovaram leis segregacionistas, nas quais os negros eram proibidos de frequentar as mesmas escolas que os brancos, certos estabelecimentos e até votar. A Ku Klux Kan - uma organização racista, a qual pregava a supremacia branca - reagiu violentamente contra negros/as que ousassem contestar o regime segregacionista.

¹¹ **Nota de rodapé:** Para uma melhor apreciação ler: COSTA, Carina Gotardelo Ferro da & SERGL, Marcos Julio. A música na ditadura militar brasileira - análise da sociedade pela obra de Chico Buarque de Holanda. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag35_edi01.pdf

acompanhado do Trio Ternura. O ator fez o maior sucesso com suas roupas, suas danças e seu estilo. Ele havia recém-chegado de uma temporada nos Estados Unidos e divulgou a estética da resistência negra norte-americana.

Nesse período, Lélia começou a se envolver com a militância dos movimentos negros, motivada por amigos. Sua estética mudou radicalmente. Segundo Ana Maria Felipe (2003): “Nessa hora encontro uma Lélia muito mais negra: assumida, com cabelo *Black* e muito mais radical. Toda aquela gana de seriedade e exigência se exacerbou!”.

Sugestão de Imagens:

1. **Acervo Lélia Gonzalez** - Fotos Variadas de Lélia - Oxum, Cartão Postal, 01-11-79 .jpg. (ALG).
2. Foto de Jacques Lacan - Getty Imagens.jpg (Enviada por Bete).
3. **Acervo Lélia Gonzalez** – Fotos Variadas de Lélia – Bahia, 1981. jpg.
4. Contexto Histórico:
 - Manifestação do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos,
 - Lideranças Negras Nacionais (Abdias) e Internacionais (Marthin Luther King, Rosa Parks, Mandela).
 - Tornado e Trio Ternura – Foto Adhemar Veneziano Editora Abril. jpg.
5. **Fazer um mosaico com fotos do Acervo Januário Garcia** –
 - Lélia Gonzalez - Ladeira dos Guararapes – Cosme Velho – Rio de Janeiro – década de 1980 (Acervo Januário Garcia – 04 fotos).

Negritude de corpo e alma

A década de 1970 foi uma reviravolta na vida de Lélia Gonzalez. Na companhia de Vicente – seu segundo marido –, ela ministrava suas aulas, se aprofundava na psicanálise lacaniana e trabalhava na Editora ‘Rio-Sociedade Cultural Ltda’, onde publicou um artigo sobre estruturalismo e história.

A militância começou a fazer parte de seu cotidiano quando o amigo Januário Garcia, convidou-a para as reuniões do Centro de Estudos Afro-Asiáticos¹² (CEAA) da Universidade Cândido Mendes (UCAM), em 1973-1974. Além de Lélia, outras mulheres participavam destes encontros, como a historiadora Maria Beatriz Nascimento¹³, uma referência nos estudos sobre quilombos. O cenário político da época ainda era de controle e censura. Portanto, as reflexões tinham um caráter mais acadêmico, com leituras de textos e debates sobre a questão racial no Brasil.

¹² **Saiba mais:** CEAA – O Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, foi instituído, em 1973, por José Maria Nunes Pereira. É uma instituição de referência para assuntos ligados à África, Ásia e suas relações com o Brasil nas áreas econômica, política e cultural. Desde 1995, o CEAA ministra uma pós graduação lato sensu em História da África e do Negro no Brasil.

¹³ **Saiba mais:** A sergipana e canceriana Maria Beatriz Nascimento nasceu em 12 de julho de 1942. Migrou com a família, na década de 1950, para o Rio de Janeiro, onde se formou em História pela Universidade Federal. Uma grande conquista para uma mulher negra e pobre, cujas oportunidades eram mais restritas. Militante engajada no movimento negro, desde a década de 1970, esteve à frente da criação de alguns grupos de estudos. Na Universidade Federal Fluminense fundou o Grupo de Trabalho André Rebouças, em 1974, para discutir com estudantes a questão racial no Brasil. Autora do Filme ‘Ori’ e grande estudiosa da temática dos quilombos foi assassinada, em 1995 – um ano após o falecimento de Lélia – ao defender uma amiga de seu marido violento. Maria Beatriz Nascimento deixou uma filha e um legado para a academia e para a militância.

Nesse contexto, o Teatro Opinião, com boa projeção na mídia, divulgava a dramaturgia brasileira e protestava contra a ditadura. Para o regime militar, essa resistência representava uma ameaça a ordem instaurada. Coincidentemente ou não, o teatro sofreu um atentado a bomba em 1968. Anos depois, um grupo de dissidentes fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras¹⁴ (IPCN), do qual Lélia foi integrante da Assessoria Política.

O Black – Rio invadia a vida cultural carioca, uma mistura de funk, soul americano, samba e jazz. Os bailes ferviam nas favelas e no subúrbio carioca ao som da música negra, de James Brown, Tim Maia e outros. Era um espaço de encontro de uma negritude carioca, mas também, um espaço de resistência e afirmação de uma identidade negra. A jornalista Lena Frias¹⁵, conhecedora e admiradora da cultura popular, foi uma das principais divulgadoras desse fenômeno, publicando uma matéria de quatro páginas no Jornal do Brasil, em julho de 1976. A reportagem “O orgulho (importado) de ser negro no Brasil” visibilizou uma juventude negra organizada, com códigos, modos de vestir semelhantes ao da resistência negra norte-americana.

Nesse bojo de mobilização política, Lélia encontrou um terreno fértil para iniciar o primeiro Curso de Cultura Negra no Brasil (1976), na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro. Para ela, o conceito de cultura devia ser pensado em sua pluralidade e servir como elemento de conscientização política. O programa de curso de Lélia, na EAV, propunha uma análise da contribuição africana na formação cultural brasileira. Ela não desconsiderava o tripé ‘fundante’ da nossa nacionalidade: negros, brancos e índios; mas centralizava sua discussão no protagonismo negro, na maioria das vezes silenciado, ao longo da História do Brasil.

Os primeiros estudos – sobre relações raciais – no período pós-abolição tentavam justificar cientificamente a supremacia de uma raça sobre a outra. Embora, estas teorias tenham sido combatidas, a trajetória de luta dos/as negros/as no Brasil ainda é desconhecida. Na década de 1970, então, este desconhecimento era ainda maior.

¹⁴ **Saiba mais:** IPCN – O Instituto de Pesquisa das Culturas Negras foi fundado em 08 de junho de 1975 por um dos grupos que se reuniam no Teatro Opinião, em Copacabana/RJ. No estatuto do IPCN, constam como objetivos da entidade: 01. Denunciar e combater o racismo representado nas suas mais variadas formas, contra quem quer que seja e em todos os locais onde aconteça este crime de lesa humanidade. 02. Lutar pela igualdade de direitos entre as pessoas, independente do sexo, cor da pele, grupo étnico, credo religioso, classe social e posição política e ideológica ou partidária.

¹⁵ **Saiba mais:** Marlene Ferreira Frias, mais conhecida como Lena Frias, nasceu em Niterói, Rio de Janeiro no dia 04 de junho de 1943. Formou-se pela Escola de Comunicação da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lena Frias era uma exímia pesquisadora da Música Popular Brasileira (MPB), em especial o samba e o choro, gêneros preferidos. Seu vasto conhecimento da cultura popular brasileira levou-a várias vezes ao júri do Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Na década de 1970, Lena Frias foi trabalhar no Jornal do Brasil, um veículo impresso de grande circulação, onde contribuiu por vinte anos. Em 1980, nasceu seu filho e único herdeiro Pedro James. No ano de 2004, Lena Frias faleceu em sua casa no bairro de Vila Isabel, berço do samba, vítima de um câncer de mama.

A esta altura, já estava dialogando com a militância do movimento negro, mas seu método de trabalho era muito teórico e pouco dinâmico. Até então, o seu alunado era da academia, das aulas de filosofia e história. Com isso, Lélia repensou seu método de trabalho e incorporou aulas práticas, ao currículo do curso, como: dança afro brasileira e capoeira. Além disso, estava previsto em sua programação conhecer de perto um ritual do candomblé — religião de matriz africana. Segundo sua aluna Zezé Motta: “Eu não sabia nada sobre Candomblé, tinha medo até de passar na entrada de um terreiro. Quando sai pelo mundo para divulgar Xica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Gonzalez e dele fazia parte assistir a um ritual de Candomblé”¹⁶.

As diversas manifestações culturais africanas foram deturpadas e estigmatizadas em nosso processo histórico, com maior ênfase na religiosidade. Lélia, certamente, sabia disso! Logo, usou e abusou da docência para reinterpretar a história do Brasil, sob a ótica dos/as negros/as. Ela afirmava que a “cultura brasileira é eminentemente negra”.

No entanto, o curso se restringia a uma minoria da Zona Sul do Rio de Janeiro. Embora a EAV tenha sido um importante locus sociocultural daquele período, era frequentada por uma elite carioca, um público muito seletivo. Sem contar, que o mote da democracia racial, ainda reinante no imaginário da sociedade, representava um obstáculo para qualquer avanço da temática racial. Por isso mesmo, Lélia queria alcançar as massas populares; em especial, as mulheres negras.

Nesse meio tempo, Lélia se separou de Vicente e, simbolicamente, comprometeu-se com a militância do movimento negro. Fato que, na década de 1990, será motivo de uma auto-reflexão. Enfim... Até o ano de 1978, Lélia permaneceu na EAV e organizou eventos culturais, para divulgar a agência do negro em suas diversas expressões, tais como: artes plásticas, grupos de dança, exibição de filmes, lançamento de livros, seminários e outros. Em seguida, começou a lecionar no Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, instituição na qual trabalhou até o ano de seu falecimento, em 1994.

Entretanto, a militância ocupou um espaço bem maior em sua vida, principalmente com a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR), do qual foi cofundadora e integrante da Comissão da Executiva Nacional, até o ano de 1982. A criação efetiva desta entidade ocorreu no dia 07 de julho de 1978, na cidade de São Paulo. No ano seguinte, foi rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU). Através de uma carta convocatória, as entidades negras do país foram convidadas a participar de um ato público:

¹⁶ Nota de Rodapé: Entrevista da atriz Zezé Motta concedida à Revista Raça. Disponível em: <http://www.culturanegra.com.br/zezemotta.htm>

CARTA CONVOCATÓRIA

“Não podemos mais calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da Comunidade Afro-Brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano.

O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para que os direitos dos homens negros sejam respeitados. Como primeira atividade, este Movimento realizará um Ato Público contra o Racismo, no dia 7 de julho às 18h30min horas, no Viaduto do Chá. Seu objetivo será protestar contra os últimos acontecimentos discriminatórios contra negros, amplamente divulgados pela Imprensa.

Nós, Entidades Negras, reunidas no Centro de Cultura e Arte Negra no dia 18 de Junho, resolvemos criar um Movimento no sentido de defender a Comunidade Afro-Brasileira contra a secular exploração racial e desrespeito humano a que a Comunidade é submetida.

No dia 28 de abril, numa delegacia de Guaianazes, mais um negro foi morto por causa das torturas policiais. Este negro era Robson Silveira da Luz, trabalhador, casado e pai de filhos. No Clube de Regatas Tietê, quatro garotos foram barrados do time infantil de voleibol pelo fato de serem negros. O diretor do Clube deu entrevistas nas quais afirma as suas atitudes racistas, tal a confiança de que não será punido por seu ato.

Nós também sabemos que os processos desses casos não darão em nada. Como todos os outros casos de discriminação racial, serão apenas mais dois processos abafados e arquivados pelas autoridades deste país, embora um dos casos tenha a agravante da tortura e conseqüente morte de um cidadão.

Mas o Ato Público Contra o Racismo marcará fundo nosso repúdio e convidamos a todos os setores democráticos que lutam contra o desrespeito e as injustiças aos direitos humanos, a engrossarem fileiras com a Comunidade Afro-Brasileira nesse ato contra o racismo.

Fazemos um convite especial a todas as entidades negras do país, a ampliarem nosso movimento. As entidades negras devem, desempenhar o seu papel histórico em defesa da Comunidade Afro-Brasileira; e, lembramos, quem silencia consente.

Não podemos mais aceitar as condições em que vive o homem negro, sendo discriminado da vida social do país, vivendo no desemprego, subemprego e nas favelas. Não podemos mais consentir que o negro sofra as perseguições constantes da polícia, sem dar uma resposta.

Todos ao ato público contra o racismo contra a discriminação racial contra a opressão policial pelo fortalecimento e união das entidades afro-brasileiras”.

Disponível em: GONZALEZ, Lélia & HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

No Rio de Janeiro, Abdias do Nascimento, que havia recém chegado do exílio, com sua esposa Elisa Larkin, se mobilizou com a manifestação e participou de todo o processo de fundação do MNU. Além dele, outras entidades cariocas do movimento negro abraçaram o movimento, dentre elas: a Escola de Samba Quilombo, Renascença Clube, Núcleo Negro Socialista, Centro de Estudos Brasil-África (CEBA) e o IPCN.

Em Salvador, capital da Bahia, representantes dos blocos afros e afoxés já estavam engajados com a luta contra racismo e demonstraram apoio à criação de um movimento de caráter nacional. Na avaliação de Lélia, o dia 07 de julho de 1978 foi: “um marco histórico muito importante para nós, na medida em que se constituiu em ponto de convergência para a

manifestação, em praça pública, de todo um clima de contestação às práticas racistas, assim como da determinação de levar adiante a Organização política dos negros. Ora, esse clima e essa determinação já haviam pintado em diferentes pontos do país, como já dissemos. Faltava esse 7 de Julho, garantia simbólica de um movimento negro de caráter nacional”¹⁷.

Nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, foi lida uma Carta Aberta à População, consolidando a criação do MNU:

Contra o Racismo !

“Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o subemprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro!

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o racismo. Os racistas do Clube de Regatas Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos de negros que se cuidem, pois a eles também exigiremos justiça!

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidade Negra. Este movimento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da Comunidade para enfrentarmos todo e qualquer tipo de racismo. Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma sociedade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros: Pais de família desempregados, filhos desamparados, sem assistência médica, sem condições de proteção familiar, sem escolas e sem futuro. E é este racismo coletivo, este racismo institucionalizado que dá origem a todo tipo de violência contra um povo inteiro.

É este racismo institucionalizado que dá segurança para a prática de atos racistas como os que ocorreram no Clube Tietê, como o ato de violência policial que se abateu sobre Robson Silveira da Luz, no 44º Distrito Policial de Guaianazes, onde este negro, trabalhador, pai de família, foi torturado até a morte. No dia 1o de Julho, Nilton Lourenço, mais um negro operário, foi assassinado por um policial no bairro da Lapa, revoltando toda a comunidade e o povo em geral. Casos como estes são rotina em nosso país que se diz democrático. E tais acontecimentos deixam mais evidente e reforçam a justiça de nossa luta, nossa necessidade de mobilização.

É necessário buscar formas de organização. É preciso garantir que este movimento seja um forte instrumento de luta permanente da comunidade, onde todos participem de verdade, definindo os caminhos do movimento. Por isso chamamos todos a engrossarem o MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINACAO RACIAL.

Portanto, propomos a criação de CENTROS DE LUTA DO MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINACAO RACIAL, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé, nos terreiros de umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas de samba, nas igrejas, em todo o lugar onde a negro vive; CENTROS DE LUTA que promovam o debate, a informação, a conscientização e organização da comunidade negra, tornando-nos um movimento forte, ativo e combatente, levando o negro a participar em todos os setores da sociedade brasileira.

Convidamos os setores democráticos da sociedade (para) que nos apoiem, criando condições necessárias para criar uma verdadeira democracia racial. CONTRA A DISCRIMINACAO RACIAL CONTRA A OPRESSÃO POLICIAL PELA AMPLIÇÃO DO MOVIMENTO POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL (...).”

Disponível em: GONZALEZ, Lélia & HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

Dentre as muitas ações do MNU, havia uma comissão nacional de imprensa, responsável pela publicação de um jornal trimestral, autônomo e independente. Cabe ressaltar que, desde o século XIX este era o principal veículo de comunicação utilizado por um grupo de negros letrados. No Rio de Janeiro, foi fundado *O Homem de Cor* (1833), com matérias que fortaleciam o movimento abolicionista. Porém, a imprensa negra consolidou-se, de fato, no Estado de São Paulo, a partir de 1910: *O Bandeirante* (1910); *O Menelick e a Princesa do Oeste* (1914); *A União e O Alfinete* (1918), dentre outros. (Introduzir jornais da imprensa negra. Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil. REDEH. Disponível no Mulheres Negras do Brasil páginas 294-295-296)

Com a fundação desta entidade, Lélia adquiriu grande visibilidade no cenário nacional. Nem mesmo ela sabia, da influência que estava exercendo sobre a militância. Seu pensamento e contribuição intelectual – assim como de Arthur Ramos, Edson Carneiro e Nina Rodrigues – serviram de inspiração para o enredo do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo (Granes Quilombo). O compositor Candeia, um dos porta-vozes da escola, se ancorou nas principais idéias desses estudiosos para criação do tema “Noventa Anos de Abolição”, para o carnaval de 1979.

Por ironia do destino, esse grande intérprete da música popular brasileira faleceu antes mesmo da escolha do samba. Entretanto, recorrendo a Nelson Sargento: “samba agoniza, mas não morre, alguém sempre nos socorre antes do suspiro derradeiro”. Pois é, Lélia e outros integrantes assumiram essa responsabilidade e o Granes Quilombo teve como representantes do seu carnaval, a dupla vencedora Nei Lopes e Wilson Moreira, a qual fez uma homenagem ao compositor falecido:

“Hoje a festa é nossa
Não temos muito para oferecer
Mas os atabaques vão dobrando
Com toda a alegria de viver.
Festa no Quilombo Noventa anos de abolição
Todo mundo unido pelo amor
Não importa a cor
Vale o coração.
Nossa festa hoje é homenagem
À luta contra as injustiças raciais
Que vem de séculos passados
E chega até os dias atuais.
Reverenciamos a memória
Desses bravos que fizeram nossa história:
Zumbi, Licutan e Alumá
Zundu, Luís Sanin e Dandará.
E os quilombolas de hoje em dia
‘São Candeia’ que nos alumia
E hoje nesta festa
Noventa anos de Abolição

Quilombo vem mostrar que a igualdade
O negro vai moldar com a própria mão
E em luta pelo seu lugar ao sol
Não é só bom de samba e futebol (Nei Lopes e Wilson Moreira)”.

Lélia era uma boa ouvinte da música clássica, conhecia as sinfonias dos grandes maestros europeus do século XVIII. Mas, também, adorava frequentar as quadras das escolas de samba e as rodas de partido alto do subúrbio carioca. Até o ano de 1981, Lélia foi integrante do Conselho Consultivo da Diretoria do Departamento Feminino do Granes Quilombo. Mas, não parou por aí. Nessa ocasião, Lélia morava na ladeira dos Guararapes, no Cosme Velho e escreveu um enredo “A revolta dos Malês” para a escola de samba do bairro.

Era extremamente articulada, inteligente e ousada. Lélia circulava em diversos espaços e se comunicava com todos. Na academia – décadas de 1970/80 – houve uma releitura historiográfica dos estudos sobre a escravidão no Brasil. Com isso, Lélia encontrou um terreno fértil para denunciar o ‘lugar’ da mulher negra na sociedade brasileira, o que se transformou em sua maior bandeira de luta, a partir de então, nos movimentos negro e feminista.

Uma de suas primeiras publicações sobre esse tema foi “Mulher negra: um retrato” no *Jornal Lâmpião da Esquina*, em 1979. Internacionalmente, suas idéias já ganhavam espaço em alguns periódicos como a revista *Encore*, na qual foi entrevistada para a reportagem “Third world activists: two women committed to change the world”. A partir de então, começou um intenso diálogo com lideranças do mundo todo.

Sugestão de Imagens:

1. Foto do Teatro Opinião O Globo5.jpg (Sugerida por Bete).
2. Foto do IPCN – Acervo Rede de Desenvolvimento Humano – Fotos do IPCN. 011. jpg.
3. Fotos de Lélia no IPCN – Acervo Januário Garcia – Fotos 26 e 27 (Reunião da Diretoria do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN)).jpg.
4. Foto de Maria Beatriz Nascimento em reunião preparatória para fundação do IPCN (Acervo Lélia Gonzalez. Fotografia de Elisa Larkin Nascimento).
5. Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Panfleto do Curso EAV - década 70 (1) (ALG).jpg.
6. Acervo Januário Garcia – Foto 20, 25 e 29 - Ação do Movimento Negro Unificado (MNU) – Zumbi está vivo – Ato público na Cinelândia – Rio de Janeiro – 1983. jpg.
7. Foto da Bandeira do GRANES Quilombo.
8. Acervo Lélia Gonzalez – Fotos variadas de Lélia - Lélia Gonzalez e Paulinho da Viola. s.d. jpg.
9. Acervo Lélia Gonzalez – Fotos variadas de Lélia - Santa Teresa - RJ. s.d.
10. Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Jornal Lâmpião da Esquina - 04-79 (5). jpg.
11. Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 - Revista Encore - 04-06-79 (1). jpg.

Do Brasil para o Mundo...

Lélia iniciava suas primeiras incursões internacionais para denunciar o racismo, de forma geral, e a opressão da mulher negra de modo particular. Até então, outras lideranças negras, como Abdias do Nascimento, já denunciavam, fora do país, a falácia da democracia racial no Brasil, mas ela foi a primeira porta voz da questão da mulher negra. Neste trânsito, conheceu expoentes de outros países, como o cubano Carlos Moore, as afroamericanas Angela Davies e Dorothy Heigts, o martinicano Aimé Césaire, dentre outros/as.

Com Carlos Moore¹⁸, seu primeiro encontro foi em Dakar/Senegal, no ano de 1979, através de amigos comuns. Nessa ocasião, Moore estava no exílio, desde o ano de 1963, na companhia de sua esposa Shawna e Kimathi, filho do casal. Segundo ele, foi uma empatia imediata e um momento de muita emoção. Lélia, ao desembarcar no aeroporto, com os olhos cheios de lágrimas deixou escapar do fundo do peito: África, finalmente! Para ela, pisar em solo africano foi um mergulho em suas origens e ancestralidade. Segundo Moore, ambos tinham discussões teóricas calorosas sobre o marxismo e a psicanálise lacaniana, mas segundo ele, as questões de gênero e raciais eram predominantes para ela, uma vez que a mulher negra sofria/e esta dupla discriminação.

Além do continente africano, Lélia viajou para Europa, onde conheceu Veneza/Itália e Genebra/Suíça. Nestes países, participou da Women's Conference on Human Rights and Mission, com a comunicação "Racismo e seus efeitos na sociedade brasileira", publicada posteriormente. No início dos anos 1980, a África do Sul vivia o regime de segregação racial e Nelson Mandela – principal liderança – encontrava-se preso. Com isso, Lélia engajou-se na luta contra o apartheid, em especial com a situação das mulheres sul-africanas. A Organização das Nações Unidas e a Liga das Mulheres do Québec promoveram o seminário "Woman under Apartheid", do qual Lélia foi vice-presidente, para refletir sobre o desamparo social dessa classe.

Entre uma viagem internacional e outra, Lélia participou de um ato solene na Serra da Barriga/Alagoas, no dia 20 de novembro de 1981, juntamente com outras lideranças negras, tais como Helena Theodoro, Joel Rufino, Abdias do Nascimento. Este num gesto simbólico beijou o chão de Palmares em homenagem à Zumbi¹⁹ – grande liderança quilombola – e outras/os quilombolas que ali resistiram heroicamente ao sistema escravocrata. Lélia também registrou sua emoção e a importância histórica deste ato solene em um artigo publicado na Folha de São Paulo²⁰: (Reproduzir o artigo: Artigos da Folha de São Paulo - 1981.11.22 - Folha São Paulo. pdf).

¹⁸ **Nota de rodapé:** Carlos Moore é cubano de origem jamaicana. Possui ambas as nacionalidades. Vivenciou toda a problemática do racismo em Cuba, exilando-se em 1963, após grandes divergências com o governo de seu país. Morou no Egito, na França e foi viver com sua família na África. Foi Professor Titular do Instituto de Relações Internacionais da Universidade do Caribe, em Trinidad Tobago. Atualmente, radicado na Bahia é autor de *Esta puta vida, Castro: os negros e a África, A presença Africana nas Américas, Racismo e Sociedade*; dentre outras importantes publicações.

¹⁹ **Saiba mais:** No Brasil, entre os séculos XVI e XIX surgiram inúmeros mocambos/quilombos por toda a parte. O principal foi – sem dúvida – Palmares, localizado em Alagoas, na antiga capitania de Pernambuco. Foi um mundo africano reinventado no Brasil pelos negros fugitivos. O poder central ficava nas mãos de Ganga Zumba e Zumbi dos Palmares – uma importante liderança militar. Foram muitas as tentativas por parte dos colonizadores para destruir o quilombo. As mulheres também participavam das batalhas contra os reescravizadores. Há indícios de que Acotirene e Aquatune foram lideranças femininas palmarinas. Em 1695, a tropa do bandeirante Domingos Jorge Velho, com apoio do governo, destrói a República de Palmares e com ela suas lideranças. Fonte: SCHUMAHER, Schuma. Gogó de Emas: a participação das mulheres na história do Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

²⁰ **Nota de rodapé:** GONZALEZ, Lélia. "Mulher negra, essa quilombola". Folha de S. Paulo. São Paulo, 22/11/81, Caderno Folhetim, p. 4.

“Aqui, nas Alagoas, um grupo de mulheres de diferentes Estados, representantes ou não de movimentos negros, preparou-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares, o Mocambo dos Macacos. O projeto do Memorial Zumbi do qual fazemos parte, realizou um ato solene, uma homenagem a Zumbi, neste dia 20 de novembro de 1981. Enquanto isso, no resto do país, uma série de eventos aconteceram para celebrar o Dia Nacional da Consciência Negra, promovidos pelos movimentos negros. E lá, no alto da Serra, durante a solenidade, ficamos pensando naquelas palmarinas, que preferiram matar os próprios filhos e se suicidarem em seguida, para não se deixarem escravizar”.

Incansável nesta luta viajou para Paris como convidada especial da Conferência Internacional “Sanctions against South Africa”, promovido pelo Comitê Anti-Apartheid (ONU). Para ela, o Brasil deveria romper relações diplomáticas com países que mantinham políticas raciais discriminatórias. Mesmo com todas estas viagens, ela encontrava tempo para escrever seus artigos e mandar cartões postais para a família. Nessa ocasião, o jornal *Mulherio*²¹, do qual era integrante do Conselho Editorial, publicou uma reportagem de sua autoria denominada “Mulher Negra”. (Reproduzir a capa do Jornal Mulherio. Disponível em: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - JORNAL MULHERIO ANO I N. 3, pdf).

Em nível nacional, o reconhecimento oficial não tardou a chegar. No dia 1 de fevereiro de 1982, coincidentemente data de seu aniversário, recebeu um diploma do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil por ser uma das “Dez Mulheres do Ano de 1981”, que muito trabalharam pela integração da mulher no processo de desenvolvimento socioeconômico e cultural do país.

Outro grande feito de Lélia foi a publicação do livro “Lugar de Negro”, em co-autoria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Ambos faziam parte de uma intelectualidade que buscava outras perspectivas de análise para os estudos sobre o negro na sociedade brasileira.

Não existiam fronteiras para ela. No âmbito internacional, participou como convidada especial do “Symposium in Support of the Struggle of the Namibian People for Self-Determination and Independence”, promovido pela ONU, em San José/Costa Rica. Neste simpósio, a discussão girava em torno da independência do território da Namíbia, o qual pertenceu à África do Sul até a década de 1990.

Com uma bolsa concedida pela Fundação Ford, no ano de 1984, Lélia Gonzalez viajou para os Estados Unidos, para execução do projeto “Mulher Negra: proposta de articulação entre

²¹ **Saiba mais:** O *Jornal Mulherio* surgiu, em 1981, com o apoio da Fundação Ford e da Fundação Carlos Chagas. Este veículo emergiu num momento histórico de ressurgimento dos movimentos de resistência social, dentre eles o movimento feminista. A luta pelos direitos das mulheres estava em pauta. O *Mulherio* publicava reportagens com temáticas variadas, como: participação política, família, mercado de trabalho, mulher negra, dentre outras. O Conselho Editorial era formado por feministas e acadêmicas de renome, tais como: Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Corrêa e Ruth Cardoso.

raça, classe e sexo”, em parceria com Tereza Cristina Araújo Costa. Nesta viagem, ela encontrou com importantes lideranças femininas negras norte-americanas, dentre elas: Angela Davis, Dorothy Height, Queen Mother Moore, Miss Helena B. Moore. Estas duas últimas, segundo ela: “são verdadeiros arquivos vivos da história do movimento negro americano. Recebi delas o maior estímulo em face do nosso trabalho no Brasil”²².

Nessa viagem, participou do evento organizado pelo “African-American Women’s Political Caucus” e ficou impressionada com a popularidade de Angela Davis²³: “[...] Constatei que a popularidade de Angela Davis entre aquelas mulheres de classe média afro-americana é enorme, apesar de sua conhecida militância comunista. Mas, ao ouvi-la falar, compreendi talvez, que essa questão se torna absolutamente secundária: a força e a competência de sua articulação segura, aliadas ao brilhantismo com que expõe suas ideias transfiguram-na de tal maneira que a plateia fica como que eletrizada, suspensa no fio de suas palavras”.

Nestas andanças, Lélia pôde avaliar a complexidade da questão racial no mundo a fora. Nos Estados Unidos, em especial, quem nasce com uma gota de sangue negro é considerado negro; no Brasil, é justamente o inverso. No entanto, ela trazia vivência e bagagem cultural de todos esses países, que contribuíam para o fortalecimento das agendas políticas em âmbito nacional.

De volta ao continente africano, em 1985, Lélia participou da III Conferência Mundial sobre a Mulher - evento de encerramento da Década da Mulher 1975-1985 - realizada em Nairobi, Quênia. Além de apresentar alguns painéis, aproveitou sua estadia para visitar comunidades rurais locais e dialogar com diversas lideranças negras internacionais. Na capital da Itália, ela foi convidada a integrar o Conselho Diretor da Society for International Development/SID, no qual atuou durante um ano.

Entre uma atividade e outra, Lélia arrumava as malas e viajava para onde convidavam. Em 1987, participou do Festival Pan-Africano de Artes e Cultura/FESPAC, em Dakar/África. Abdias do Nascimento integrou o Comitê Dirigente Internacional do Festival. A ideologia pan-africanista estava em evidência, desde o início do século XX, na voz do americano W. Du Bois e tinha como propósito a criação de uma ‘unidade africana’. Nesse mesmo ano, participou

²² **Nota de rodapé:** Relatório entregue à Fundação Ford, aos cuidados da Senhora Patricia Sellers, em 10 de dezembro de 1984 (Acervo Lélia Gonzalez). Nesse documento, Lélia relatou toda a viagem aos Estados Unidos, o encontro com importantes lideranças femininas do movimento negro e compilou uma série de artigos de sua autoria.

²³ **Saiba mais:** Angela Yvonne Davis nasceu em 26 de janeiro de 1944, em Birmingham, estado do Alabama. É considerada uma das maiores lideranças femininas negras da história dos Estados Unidos. Na década de 1970, tornou-se internacionalmente conhecida. Ela foi acusada de oferecer as armas que o grupo “Black Panthers - Panteras Negras” usou em um protesto na Assembleia Legislativa da Califórnia, para libertar três prisioneiros negros que estavam em audiência. Com isso, permaneceu por 17 meses na prisão. Nesse período, diversas manifestações civis foram organizadas, em frente à casa de detenção de Nova Iorque, para exigir sua liberdade. Para uma melhor apreciação da trajetória de Angela Davis ler: BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

da Conferência da Negritude, em Miami/EUA, onde conheceu um dos maiores expoentes do movimento da negritude²⁴, o martinicano Aimé Césaire.

No ano em que o Brasil completou cem anos de abolição, muitas foram às comemorações oficiais e protestos da sociedade civil organizada. Em termos de militância, o feminismo negro se consolidava e teve como marco o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em Valença, no Rio de Janeiro: Lélia foi uma das principais porta-vozes deste evento, ao lado de Luiza Bairros, Benedita da Silva, Rosália Lemos, Helena Theodoro, Heloisa Marcondes, Hildésia Medeiros, Joselina da Silva, Maria Beatriz Nascimento, Neuza das Dores Pereira, Wania Sant'Anna dentre outras. (Introduzir fotos destas lideranças negras – Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil – REDEH).

Amadurecida intelectualmente publicou diversos artigos sobre ‘amefricanidade’, categoria que criou para designar: “todos os descendentes de africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu descobrimento por Colombo”²⁵. Com isso, Lélia trouxe uma nova perspectiva de análise para os estudos sobre identidade negra, sem perder o elo com o continente africano. Outro conceito fomentado, por ela, foi o ‘pretuguês’, tendo em vista a africanização da cultura brasileira, com ênfase no aspecto linguístico.

No final dos anos 1980, Lélia tornou-se integrante do Conselho Internacional do Memorial de Gorée, em Dakar, organização dedicada ao projeto de construção de um memorial aos africanos escravizados na ilha senegalesa que serviu como entreposto colonial do comércio escravista.

A década seguinte foi de surpresa e recolhimento para Lélia. De surpresa, porque ao retornar de uma viagem à África - continente no qual iniciou e concluiu seu ciclo internacional - descobriu que estava com uma diabetes tipo B e o tratamento foi inevitável. Foi de recolhimento, porque a frustração com o movimento negro contribuiu para uma autoreflexão, tanto da sua vida pessoal quanto da militância.

Sugestão de Imagens:

1. **Acervo Lélia Gonzalez** - Lélia e Carlos – Dakar, 1979. jpg (Enviar por e-mail).
2. **Acervo Lélia Gonzalez** - Dakar – julho de 1979 - Lélia Gonzalez e Shawna, s.d. jpg.
3. **Acervo Lélia Gonzalez** - Dia Nacional da Consciência Negra - Serra da Barriga. 20 novembro 1981 - Lélia Gonzalez - Serra da Barriga (2) e (3). jpg.
4. **Acervo Januário Garcia** - Dia Nacional da Consciência Negra – Serra da Barriga – Alagoas – 1981 – Fotos: 38, 39 e 43. jpg.
5. **Acervo Lélia Gonzalez** - Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 (OK) - Diploma Dez Mulheres do Ano - 01-02-82 (ALG). jpg.

²⁴ **Saiba mais:** O movimento da negritude foi idealizado fora da África, provavelmente nos Estados Unidos. No entanto, em Paris, na década de 1930, um grupo de estudantes negros - Aimé Césaire (Martinica), criador da palavra negritude, Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) - foi responsável pela divulgação do movimento com a publicação da revista L'étudiant Noir (o estudante negro), em 1934. No Brasil, o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento, em 1944, levantou a bandeira da negritude ao exigir publicamente o reconhecimento de uma identidade negra. Na década de 1950, a palavra apareceu no 1º Congresso do Negro Brasileiro, como título de uma comunicação: A estética da Negritude, de autoria de Ironides Rodrigues.

²⁵ **Nota de rodapé:** GONZALEZ, Lélia. As amefricanas do Brasil e sua militância. 1988. Mimeo (Acervo Lélia Gonzalez).

6. Acervo Lélia Gonzalez - Costa Rica - Agosto 1983 - foto única. jpg.
7. Acervo Lélia Gonzalez - Baltimore - Agosto, 1984 - Seminário 1985 and Beyond-Baltimore - USA, 08-84 (Lélia e Angela Davis 2) 2. jpg.
8. Acervo Lélia Gonzalez - III Conferência Mundial sobre a Mulher - Nairobi - Julho - 1985 - Lélia Gonzalez e Benedita - Nairobi, julho 1985. jpg.
9. Acervo Lélia Gonzalez - III Conferência Mundial sobre a Mulher - Nairobi - Julho - 1985 - Comunidade Rural-Nairobi, julho 1985. jpg.
10. Acervo Lélia Gonzalez - Dakar Gorée, 24 a 30 Julho 1986 - Lélia Gonzalez e Benedita da Silva - Dakar - Gorée, 24 a 30-07-86. jpg.
11. Acervo Lélia Gonzalez - Aimé Césaire - Miami, fevereiro 1987. jpg.
12. Cartaz de divulgação do Iº Encontro Nacional de Mulheres Negras, 1988. Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra (Livro Mulheres Negras do Brasil, página 366).

Tomando partido

Com o fim do regime militar, na década de 1980, os movimentos de resistência social encontraram um terreno fértil para colocar em prática suas agendas. No campo político, novas alianças partidárias surgiram, dentre elas: o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Lélia era uma militante que buscava apoios e parcerias, nacionais e internacionais, para colocar em prática as agendas dos movimentos negros e feministas, nos quais estava engajada. Sua aproximação com os partidos de esquerda não foi aleatória; ela almejava ações afirmativas em benefício da população negra, sobretudo na educação.

Com isso, filiou-se ao PT em 1981 e já no ano seguinte, candidatou-se ao cargo de deputada federal por esta legenda, alcançando a primeira suplência. Sua campanha política tinha como ponto chave os sujeitos dos novos movimentos sociais: as mulheres, os negros e os homossexuais.

No entanto, sua bandeira de luta tinha uma ênfase maior na situação da mulher negra na sociedade brasileira. No *Jornal Mulherio*, do qual foi uma das editoras, Lélia sempre que podia publicava um artigo denunciando essa situação de exclusão, sobretudo no campo do trabalho. Segundo ela, havia um processo de marginalização da trabalhadora negra, desde o período colonial. A reportagem “E a trabalhadora negra, cumé que fica?”, de sua autoria, trouxe este triste cenário ainda vigente na década de 1980. (Sugestão: Reproduzir a página 04 – Acervo Internet – Por Lélia – autoria própria - JORNAL MULHERIO ANO 2 N. 7. pdf).

Não foi fácil para Lélia, assim como para outros/as estudiosos/as e ativistas, afirmar a existência do racismo no Brasil, uma vez que o mito da democracia racial estava no imaginário da sociedade. Inclusive, dentro do próprio movimento feminista, inicialmente, as assimetrias entre as mulheres não eram contempladas. No entanto, conforme o avanço das agendas políticas desse movimento, as diversas demandas foram introduzidas, incluindo as especificidades das mulheres negras.

Com grande emoção, Lélia aceitou o convite para participar da I Noite da Beleza Negra, do Grupo Afro Agbara Dudu, no Rio de Janeiro, como integrante da comissão julgadora. Para ela, esse evento tinha um significado socioeducativo importante, tendo em vista que: “o que

estava em evidência não era o corpo da mulher negra, mas a dignidade, a elegância, a articulação harmoniosa do trançado do cabelo com o traje, o dengo, a leveza, o jeito de olhar (...)”²⁶.

Cabe ressaltar que, desde a década de 1940, a valorização da estética da mulher negra estava em pauta. O Teatro Experimental do Negro promoveu, por três anos, os concursos: Rainha das Mulatas e Boneca de Pixe. Segundo seu principal porta voz – Abdias do Nascimento – as mulheres negras eram excluídas dos Concursos da Miss Brasil, um país cuja mestiçagem era o símbolo da brasilidade. Posteriormente, o Clube Renascença, fundado em 1951 por uma classe média negra, organizou o concurso da Miss Guanabara.

Nessa ocasião, Lélia fundou com Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, Ana Garcia, Rosália Lemos, dentre outras, o Grupo Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras. Quando viajou para Baltimore, com uma bolsa concedida pela Fundação Ford, um de seus objetivos era angariar recursos para esta entidade. (Sugestão: Fazer um mosaico de fotos das fundadoras - Lélia (Acervo Januário Garcia - Foto Ação do Nzinga no Morro do Andaraí – Bloco Flor da Mina – 1988 (Foto: 03), Pedrina, Jurema, Elizabeth Viana, Ana Garcia, Rosália Lemos).

Lélia sabia das dificuldades encontradas por estas mulheres para execução de suas agendas, sem um suporte financeiro mínimo. Estar articulada a um partido político poderia ser um caminho possível, para aquisição de tais recursos. No entanto, ela se decepcionou ideologicamente com o PT e expressou publicamente sua insatisfação:

“(…) Para não fugir à regra o PT na TV não deixou por menos: tratou dos mais graves problemas do País exceto um que foi ‘esquecido’, ‘tirado de cena’, ‘invisibilizado’, recalcado. É a isto justamente que se chama de *racismo por omissão*²⁷. E este nada mais é do que um dos aspectos da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, nos quer fazer crer que somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental, europocêntrico” (Sugestão: Reproduzir - Artigos da Folha de São Paulo - 1983.08.13 - Folha de São Paulo. pdf).

Lélia estava vivenciando, com isso, as várias faces do racismo à brasileira, que de forma muito velada reforça a supremacia da raça branca em detrimento da negra. Ela não aceitava esse jogo político e se desligou oficialmente do partido em 1985:

“Caro companheiro. Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 07/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada para as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada. Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal,

²⁶ **Nota de rodapé:** GONZALEZ, Lélia. “Beleza Negra, ou ora yê-yê-ô”. *Jornal Mulherio*, Ano II, nº06, março/abril. p. 04.

²⁷ **Nota de rodapé:** GONZALEZ, Lélia. *Racismo por omissão*. In: *Folha de São Paulo*, Primeiro caderno, 13-08-1983. p. 02

foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados. Com respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados. Lélia de A. Gonzalez”²⁸. (Sugestão: Reproduzir a carta-oficial - Acervo Lélia Gonzalez 1985-1989 (OK) - Carta de desligamento do PT - 10-11-1985 - ALG (1).jpg).

Entretanto, sua militância em prol dessas minorias foi reconhecida por outros órgãos do governo. Não foi à toa, que o Presidente José Sarney a designou para compor o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) – órgão vinculado ao Ministério da Justiça, criado com a finalidade de ‘promover em âmbito nacional, políticas que visem eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do país’, conforme versa o decreto de 1985. (Sugestão - Acervo Lélia Gonzalez 1985-1989 (OK) - Nota Jornal - Direitos da mulher Sarney nomeia Conselho - Jornal O Globo 03091985 – ALG).

Com Ruth Escobar na presidência do órgão, Lélia foi uma das 17 conselheiras nomeadas, dentre elas: Ruth Cardoso, Maria da Conceição Tavares, Rose Marie Muraro, Marina Colassanti, Tisuka Yamasaki, Carmen Barroso, Jaqueline Pitanguy, Benedita da Silva, Maria Betania Ávila e outras expoentes da luta pelos direitos das mulheres. A poucos meses de findar o seu mandato, desligou-se, com as outras integrantes, do CNDM, em protesto ao esvaziamento do órgão por parte do governo.

Possivelmente influenciada por Abdias do Nascimento, Lélia filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e por esta legenda candidatou-se à deputada estadual, alcançando a primeira suplência no pleito realizado em 1986. Sua plataforma eleitoral reafirmou o seu compromisso político com a mulher negra e com a descolonização da cultura brasileira.

Em seu folder de campanha elaborou um texto denominado Odara Dudu = Beleza Negra no qual enalteceu o Bloco Afro-Ilê Aiyê/Salvador e o Agbara Dudu/Rio de Janeiro, como territórios de resistência sociocultural negra, uma vez que suas atividades tinham um cunho pedagógico e político. Segundo ela: “(...) da maneira mais didática e prazerosa, fazem com que a nossa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como na de muitos outros das Américas”²⁹.

Lélia era uma admiradora dos afoxés, do maracatu, do carnaval e do samba – manifestações populares brasileiras que tiveram uma forte influência africana. Por isso mesmo, ela queria refletir sobre essas expressões culturais numa perspectiva política, tendo em vista o

²⁸ Nota de rodapé: Carta de desligamento do PT/RJ, datada de 10 de novembro de 1985 (Acervo Lélia Gonzalez).

²⁹ Nota de rodapé: Odara Dudu=Beleza.Negra. Folder de Campanha de Lélia Gonzalez para Deputada Estadual pelo PDT/RJ, em 1986 (Acervo Lélia Gonzalez).

fortalecimento destes espaços de luta e enfrentamento contra o racismo. Ou seja, era preciso politizar o discurso da questão racial no Brasil.

Todo este pensamento culminou com a publicação do livro, de sua autoria, “Festas Populares no Brasil”, em 1987. Esta obra adquiriu reconhecimento internacional, sendo premiada na Feira de Leipzig, Alemanha Oriental, na categoria ‘o mais belo do mundo’. Sua iconografia traduzia o folclore, a festividade e a pluralidade cultural brasileira.

Nessa ocasião, ela foi convidada para o cargo de diretora do Planetário da Gávea, instituição vinculada à Prefeitura do Rio de Janeiro. No espaço acadêmico, ela se destacava com suas pesquisas na área das relações raciais. Com isso, foi convidada a integrar o corpo docente do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, no qual permaneceu até o seu falecimento.

Sugestão de Imagens:

1. **Acervo Lélia Gonzalez** - Assembléia Legislativa - PT - 1981 - Entrada do Lisâneas Maciel no PT, ALERJ, 13-10-81. jpg.
2. **Acervo Januário Garcia** - fazer um mosaico com as fotos Campanha Eleitoral do PT (05 até 13);
3. **Acervo IPEAFRO** - Jornal Quilombo. reportagem Concurso da Rainha das Mulatas e Boneca de Pixe. Teatro Experimental do Negro (páginas 100 e 101).
4. **Acervo Lélia Gonzalez 1985-1989 (OK)** - Panfleto de campanha - Deputada Estadual - PDT - 1986 - ALG (1) e (2). jpg.
5. **Pesquisa CNDM** - Arquivo Nacional de Brasília - CNDM - Foto da Primeira Presidenta do CNDM - Ruth Escobar -09-85 (Empresa Brasileira de Notícias - Getúlio Gurgel). jpg.
6. **Pesquisa CNDM** - Arquivo Nacional de Brasília - CNDM - I Reunião do CNDM no Palácio da Justiça - 09-85 (Empresa Brasileira de Notícias - J. Lacerda). jpg.
7. **Pesquisa CNDM** - Arquivo Nacional de Brasília - CNDM - Reunião da Liderança Nacional do MNU - 12-87 (Empresa Brasileira de Notícias - Guilherme Romão). jpg.
8. **Acervo Lélia Gonzalez** - Festa da minha posse no PLA - RJ - 27-08-1987 - Lélia Gonzalez no dia de sua posse no Planetário. 27-08-87. jpg.
9. **Acervo Lélia Gonzalez** - Planetário da Gávea do RJ. 1987-1989 - Lélia Gonzalez no Planetário da Gávea - RJ (1987-89). jpg.

As mulheres negras ainda lutam pela abolição dos preconceitos³⁰

O centenário da abolição no Brasil, dia 13 de maio de 1988, dividiu opiniões. De um lado, comemorações oficiais festejavam esta data, enaltecendo a pluralidade cultural brasileira – estampada no mito da democracia racial. De outro lado, organizações da sociedade civil denunciavam o racismo, a desigualdade social e a farsa da cordialidade. Para tanto, lideranças do movimento negro, dentre elas Lélia Gonzalez, promoveram a Marcha Contra a Farsa da Abolição, no Centro do Rio de Janeiro.

A Central do Brasil, no dia 11 de maio, amanheceu cercada de forças militares para impedir a caminhada. Porém, os manifestantes não se intimidaram e deram continuidade com cartazes e gritos de protesto. Outras formas de denúncia pipocavam pelo Brasil a fora. O Movimento Negro Unificado, que completava dez anos, produziu um outdoor com a seguinte frase “A princesa esqueceu de assinar nossa carteira de trabalho”.

³⁰ Título do Cartaz produzido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher por ocasião dos cem anos da assinatura da Lei Áurea, em 1988. Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil, REDEH.

Cabe ressaltar que, na década de 1940, um grupo de mulheres negras, integrantes do Teatro Experimental do Negro, criou a Associação das Empregadas Domésticas. Encabeçadas pela jornalista Maria Nascimento, presidenta do Conselho Nacional de Mulheres Negras, exigiam a regulamentação e a dignidade do trabalho doméstico. Esta classe trabalhadora só foi contemplada na década de 1970.

A atuação dos movimentos negros, ao longo da história do Brasil, em especial do século XX, foi determinante para a conquista de políticas públicas. A nova carta constitucional de 1988 introduziu o racismo como crime inafiançável e imprescritível, nos termos da lei, sujeito à pena de reclusão. Logo, a prática do racismo foi criminalizada, no entanto a questão racial, até os dias de hoje, é muito complexa. Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo “Onde você guarda o seu racismo?”³¹, no ano de 2004, chegou à seguinte conclusão: grande parte dos brasileiros – 87% - reconhece que há discriminação³² racial no país, mas somente 4% da população se considera racista. Estes dados revelam como esta prática é velada e acaba reforçando a ideia de democracia racial. Um dos objetivos da campanha é que as pessoas assumam um compromisso coletivo com a igualdade: não guarde o seu racismo, jogue fora.

Outra conquista da militância, foi a oficialização do dia 20 de novembro, como o Dia da Consciência Negra, no ano de 2003. Esta data marca o dia de morte de Zumbi – uma das grandes lideranças quilombolas do século XVII, falecido em 1695. Em 1988, como parte dos protestos, ativistas organizaram, também, a Marcha Negra. Nesta, Lélia Gonzalez fez um discurso emocionado, resgatando a memória de Zumbi e sua luta heroica contra a escravidão:

“(...) Herói nacional foi liquidado pela traição das forças colonialistas, o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, as nossas crianças não sabem e quando eu falo de nossas crianças tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros, pelos negros que resistiram, resistiram à escravidão se dirigiram para o sul da capitania de Pernambuco, atual Estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre, igualitária, uma sociedade alternativa, onde negros, índios, brancos pobres viviam no maior respeito proprietários da terra e senhores do produto do seu trabalho. Palmares é um exemplo livre, típico de uma nacionalidade brasileira que ainda está por se constituir,

³¹ **Saiba mais:** A campanha “Onde você guarda o seu racismo” foi lançada em dezembro de 2004. A campanha é fruto da iniciativa de mais de 40 organizações da sociedade civil, iniciada em 2001 (Diálogos Contra o Racismo) para promoção de uma ampla mobilização antirracista que envolva todos os setores da sociedade.

³² **Saiba mais:** O que é discriminação: Diz respeito a toda distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo, gênero, raça, cor da pele, linhagem, origem nacional ou étnica, orientação sexual, condição social, religião, idade, deficiência etc., que tenha por objeto anular ou depreciar o reconhecimento, gozo ou exercício e em condições de igualdade entre toda e todos aos direitos humanos e liberdades fundamentais em todas as esferas, incluindo a pública, privada, política, econômica, cultural ou civil.

nacionalidade esta, onde negros, brancos lutam nesse momento, lutando para que esse país se transforme efetivamente numa democracia”³³.

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, do qual Lélia era uma das conselheiras, marcou presença no centenário da abolição. Sob a coordenação de Sueli Carneiro, o CNDM criou o Programa da Mulher Negra, que – em parceria com a Comissão de Mulheres Negras do CECF/SP e a Comissão da Mulher Advogada da OAB/SP – realizou o Tribunal Winnie Mandela, uma espécie de júri simulado formado por expoentes da sociedade civil para julgar e condenar a discriminação contra as mulheres negras.

Neste cenário efervescente, feministas negras como Lélia Gonzalez, Luiza Bairos, Rosália Lemos, dentre outras, promoveram o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, na cidade de Valença no Rio de Janeiro. Foi um salto importante na institucionalização do movimento de mulheres negras, as quais nas fronteiras do racismo e do sexismo redimensionaram suas agendas políticas. Este processo não ocorreu sem críticas, tanto externas quanto internas, que as acusavam de “olharem para o próprio umbigo”. No entanto, elas conseguiram mostrar que esta sedimentação era um caminho possível, e necessário, para trazer à tona suas especificidades. Não significava, com isso, uma ruptura ideológica com outros movimentos de resistência social.

Sugestão de Imagens:

1. Fazer um leque de fotos da Marcha Contra a Farsa da Abolição: **Acervo Januário Garcia** – Marcha contra a farsa da abolição – 1988 (Fotos 21 a 24).
2. **Acervo REDEH** - Cartaz “A princesa esqueceu de assinar nossa carteira de trabalho” (Ver com Tiago).
3. **Acervo REDEH** – Cartaz produzido pelo CNDM por ocasião dos cem anos da assinatura da Lei Áurea (Livro Mulheres Negras do Brasil, página 365).
4. **Acervo IPEAFRO** – Reportagem do Diário Carioca sobre o lançamento do Plano de Trabalho da Associação das Empregadas Domésticas, vinculada ao Teatro Experimental do Negro, agosto de 1950. (Livro Mulheres Negras do Brasil, página 303).
5. **Acervo REDEH** - Slogan da campanha “Onde você guarda o seu racismo?” (Ver com Tiago).
6. **Acervo Lélia Gonzalez** - Dia Internacional da Mulher - Goiânia - 08-03-1988 - Dia Internacional da Mulher - Goiânia, 1988. jpg.
7. **Acervo Januário Garcia** - Marcha Zumbi Vive, Rio de Janeiro – 1986 (Foto 28).
8. Cartaz de divulgação do Tribunal Winnie Mandela, São Paulo, 1988. Acervo Geledés – Instituto da Mulher Negra (Livro Mulheres Negras do Brasil, página 351).

Lélia foi para ancestralidade

A década de 1990 foi de expectativas para a virada do século. A democracia estava consolidada e neste contexto surgiram diversas organizações não governamentais que, estrategicamente, redimensionaram suas agendas e suas ações. A prioridade das ONGs de mulheres negras era lutar por políticas públicas, nas áreas da educação, saúde, trabalho, dentre outras.

³³ **Nota de rodapé:** “Marcha Negra 1988”. Acervo Digital de Cultura Negra – CULTNE. Disponível em: http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=417, acesso em 14 de outubro de 2011.

A presença dessas ativistas estava consolidada e expandiu-se para outras instâncias da sociedade. A ativista Dulce Pereira, em 1994, tornou-se a primeira mulher negra a presidir a Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura encarregado de desenvolver ações voltadas para a valorização da cultura negra.

A participação das afrodescendentes em espaços de poder contribuía para construção de uma agenda política específica à população negra. Com isso, suas demandas começaram a ser traduzidas em políticas públicas. Algumas lideranças negras se destacaram neste contexto. Outras – como Lélia Gonzalez – preferiram se recolher e repensar toda sua trajetória nos movimentos negros, incluindo conquistas e decepções.

Para ela, foi uma fase de reflexão e autocrítica, uma vez que ‘mergulhou de cabeça’ na militância, deixando de lado seus projetos pessoais. Com muita coragem e lucidez – características que eram peculiares a ela – expressou, publicamente, sua insatisfação com o movimento negro³⁴. Não poupou palavras ao dizer que estava “catando os pedaços” para seguir sua existência.

Nessa ocasião, ela fez uma viagem à África, talvez a última, e voltou com uma ferida nas costas a qual não cicatrizava. Aconselhada por parentes próximos, procurou um médico e foi diagnosticada com uma diabetes do tipo B. Com isso, o tratamento e uma dieta balanceada tornaram-se inevitáveis. Ela gostava de curtir alguns prazeres da vida: sair, se divertir, tomar uma cerveja, mas teve que se recolher por tempo indeterminado. Seu sobrinho Rubens vivia uma fase difícil, em seu casamento, e resolveu voltar para companhia da tia quando soube que sua saúde estava debilitada.

Além da família, sempre presente nessas horas, Lélia contou com o apoio dos amigos Januário Garcia e Ana Maria Felipe. Em alguns momentos, sua saúde esteve muito frágil e precisava de uma pessoa para levá-la ao Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, do qual tornou-se diretora um mês antes de falecer. Com garra de viver, ela procurou um tratamento espiritual com o seu orientador Pai Jair D’Ogum, para quem doou todo o seu acervo. Ela era muito mística e, possivelmente, tentou de tudo para prolongar sua vida.

Rubens, que estava separado de sua mulher Joyce, resolveu reatar a união. Nesse período, a doença de Lélia evoluiu para uma insuficiência cardíaca e sua sobrinha Eliane de Almeida, para não deixá-la sozinha, se mudou para a casa da tia com suas duas filhas: Gabriela e Ísis.

No entanto, quis o destino que essa mineira, de alma carioca e torcedora do Flamengo, não comemorasse o tetracampeonato brasileiro na Copa do Mundo, de 1994. No dia 10 de julho,

³⁴ Nota de rodapé: GONZALEZ, Lélia. Entrevista. Jornal do MNU, nº 19, maio-julho de 1991. p. 08-09.

sua sobrinha estranhou seu recolhimento até a hora do almoço e foi acordá-la para comer um macarrão com carne assada, um de seus pratos prediletos.

“No dia 10 de julho vou acordá-la e encontrei-a morta [...] foi em casa, do jeito que ela pediu. Nós conversamos até tarde, era jogo do Brasil, mas não assistimos porque ela ficava nervosa. Nesse dia ela falou que não queria beber porque estava um pouco enjoada, tomou suco, beliscou algumas coisas e me fez seu último pedido: ‘amanhã você faz macarrão com carne assada que eu adoro?’”³⁵.

Lélia reinterpretou a História do Brasil sobre a ótica da mulher negra e, por tudo isso, pesquisadores, estudiosos, militantes e amigos têm feito um esforço para visibilizar e registrar sua vida e obra. Na militância é considerada uma das memórias do movimento negro e de mulheres do Brasil.

No âmbito acadêmico contribuiu, significativamente, para os estudos de raça e gênero. Na década de 1970, fazia parte de uma intelectualidade que propunha uma releitura da escravidão no Brasil. Com isso, novas perspectivas de análise surgiram para os estudos das relações raciais.

Parte de seu pensamento está disponível no site Memorial Lélia Gonzalez, criado no ano de 2003, por sua amiga Ana Maria Felipe, a qual, atualmente, é uma das maiores compiladoras e divulgadoras de seu legado. (Sugestão: Introduzir a logo do Site Memorial Lélia Gonzalez)

Seu acervo pessoal está sob a responsabilidade do Pai Jair D’Ogum no Ilê Oxum Apará. Segundo ele: “Era o desejo dela que sua obra fosse conhecida e disponibilizada para o público”. Nele, encontra-se boa parte da história do movimento negro brasileiro, a partir da década de 1970.

Imagens Sugeridas:

1. Acervo Lélia Gonzalez - Dakar- julho de 1979 - Lélia Gonzalez. s.d. jpg.
2. Acervo Lélia Gonzalez - Fotos variadas de Lélia - Lélia e Gabriela (sobrinha). 1985. jpg.

Fazer um mosaico ou sobrepor estes jornais do MNU

3. Acervo Lélia Gonzalez - 1990 - Jornal do MNU - maio-junho-julho-1991 (ALG). jpg.
4. Acervo Lélia Gonzalez - 1990 - Jornal do MNU - maio-junho-julho-1991 (ALG). jpg.
5. Acervo Lélia Gonzalez - 1990 - Jornal MNU - maio-junho-julho 1991 (1) (ALG). jpg.
6. Acervo Lélia Gonzalez - 1990 - Cópia de Jornal do MNU - maio-junho-julho-1991 (2) (ALG). jpg.

LINK - OBRAS EM ‘PRETUGUÊS’

Livros Publicados

1. “Lugar de negro (1982)”

A estreia de Lélia no mercado editorial ocorreu na década de 1960 com traduções de textos filosóficos. No entanto, publicou seu primeiro livro, *Lugar de negro*, no início da década

³⁵ Entrevista concedida por Eliane de Almeida para o Projeto Memória Lélia Gonzalez, no dia 17 de outubro de 2011.

de 1980, em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Nesta obra, o capítulo “O movimento negro na última década”, de sua autoria, traça um panorama histórico do modelo econômico a partir de 1964, - quando os militares assumiram o poder e instauraram uma nova ‘ordem’ - e como a população negra trabalhadora se encaixou nesse cenário.

Em seguida, Lélia resgata historicamente os movimentos negros, uma vez que: “falar do Movimento Negro implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis”. Dentro desta pluralidade, elenca diversas estratégias de resistência ao sistema escravocrata, como os quilombos, as irmandades de homens pretos, as religiões de matriz africana. Ainda neste capítulo, Lélia narra o processo de criação do Movimento Negro Unificado, do qual foi cofundadora no ano de 1978.

Já o sociólogo Carlos Hasenbalg – em uma perspectiva mais teórica – busca as origens históricas da ideologia do racismo, desde a expansão europeia iniciada no século XV. Segundo o autor, o foco central de seu trabalho é “considerar as análises de classe da questão racial e do racismo”. Esta obra nasce em um momento de releitura da historiografia brasileira sobre escravidão. Com isso, novas epistemologias surgem como eixos norteadores para os estudos das relações raciais no Brasil. (Introduzir a capa do livro - Acervo Lélia Gonzalez – Itaguaí - Diário e Livro Lugar de Negro - Livro Lugar de Negro - 1982. jpg.)

2. “Festas Populares no Brasil (1987)”

Através das lentes de distintos/as fotógrafos/as, o livro *Festas Populares no Brasil*, publicado no ano de 1987, registra as festas populares – espalhadas pelo país de norte a sul – e revela a pluralidade cultural brasileira. Os textos de autoria de Lélia Gonzalez são informativos e traduzem a diversidade das manifestações folclóricas, sejam elas de cunho religioso ou não.

Para além da festividade, a obra mostra os laços indissociáveis entre Brasil e África, a integração entre o profano e o sagrado, a reinvenção das tradições e o sincretismo religioso presentes na formação cultural brasileira. Por sua beleza, *Festas Populares no Brasil* recebeu um prêmio internacional na categoria “os mais belos livros do mundo”, na Feira de Leipzig/Alemanha Oriental – uma das mais importantes do mercado editorial. (Introduzir a capa do livro *Festas Populares no Brasil*).

Artigos

1. “Mulher negra (1981)”

O artigo traça um panorama da situação da mulher negra no mercado de trabalho, com ênfase na remuneração. Em ocupações de nível superior, as mulheres negras estão em último lugar, com um salário 48% menor, comparado ao das mulheres brancas. Em ocupações de nível

médio – onde as mulheres estão em maior número – a situação não é muito diferente para trabalhadoras negras, as quais ganham 24% a menos do que as brancas. Além disso, apenas 40% das mulheres negras possuem vínculo empregatício, ou seja, carteira assinada. Com base em dados estatísticos, Lélia analisa as possíveis causas para a subalternização da mulher negra no âmbito do trabalho. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - JORNAL MULHERIO ANO 1 N. 3. pdf).

2. “E a trabalhadora negra cumé que fica? (1982)”

O lugar da mulher negra na força de trabalho foi tema de outro artigo de Lélia denominado *E a trabalhadora negra cumé que fica?* Neste, discute-se o critério de ‘boa aparência’ exigido nos anúncios de emprego, em especial para cargos que demandam interação e contato com o público. Como diz o ditado popular “para bom entendedor, meia palavra basta”, para a autora esse critério denota o racismo velado de nossa sociedade e afirma que: “por ‘boa aparência’ compreende-se ‘negra não serve’”. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - JORNAL MULHERIO ANO 2 N. 7. pdf).

3. “De Palmares às escolas de samba, tamos aí (1982)”

Neste artigo, Lélia denuncia a invisibilidade histórica a qual a população negra foi submetida ao longo dos anos, em especial à mulher negra. Segundo ela: “(...) estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural (...)”. Com isso, resgata personagens centrais - da nossa história - que não só resistiram heroicamente ao sistema escravocrata; como também, participaram ativamente da construção do país. (Download na íntegra: Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 (OK) - Jornal Mulherio - janeiro-fevereiro 1982 (1). jpg).

4. “Beleza negra, ou: ora-yê-yê-ô! (1982)”

Ora-yê-yê-ô! É uma saudação a Oxum – orixá feminino da água doce e da beleza. Neste artigo, Lélia narra como surgiu a idéia para realização da Noite da Beleza Negra - um concurso de estética criado pelo bloco afro de Salvador Ilê Aiyê. A proposta didática do concurso é a valorização da beleza da mulher negra, aliada ao carisma e a simpatia. Ao contrário dos tradicionais concursos de miss, os atributos físicos das candidatas não estão em evidência; mas sim, sua estética marcadamente africana, as roupas coloridas e o penteado trançado – laços que unem Brasil & África. Segundo Lélia: “a Noite da Beleza Negra é um ato de descolonização cultural”. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - JORNAL MULHERIO ANO 2 N. 6 pdf).

5. “O movimento negro na última década (1982)”

Este artigo está publicado no livro “Lugar Negro”, escrito em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Nele, Lélia faz uma análise da situação econômica a partir de 1964 – quando os militares assumiram o poder. Num segundo momento, relata todo o processo de mobilização da militância para fundação do Movimento Negro Unificado, em 07 de julho de 1978. Neste artigo, alguns documentos como a “Carta Convocatória ao Ato Público” estão reproduzidos na íntegra, mostrando um importante capítulo da história do movimento negro brasileiro no século XX. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - Lugar de Negro_MN na Última Década. pdf).

6. “A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social (1988)”

Neste artigo, a autora alerta para o perigo de determinadas posturas ideológicas dentro do feminismo negro, uma vez que descartam qualquer possibilidade de diálogo e atrofiam a elaboração de uma agenda política mais ampla. Com uma linguagem acadêmica, Lélia ressalta que a militância deve estar comprometida com um projeto de transformação social e com as distintas demandas das mulheres negras. Segundo ela: “Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser coniventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida”. (Download na íntegra: Acervo Lélia Gonzalez 1985-1989 (OK) - Jornal - Raça e Classe - O terror nosso de cada dia - ano1 n2, ago-set - 1987 ALG (2). jpg).

7. “As amefricanas do Brasil e sua militância (1988)”

A categoria amefricanidade foi criada por Lélia Gonzalez como nomeação de todos os descendentes dos/as africanos/as que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles/as que chegaram à América antes de seu ‘descobrimento’ por Colombo. Neste texto, a autora destaca o papel fundamental das mulheres negras, ao longo deste processo histórico, como participantes ativas dos movimentos de resistência e de libertação. (Download na íntegra: Acervo Lélia Gonzalez 1985-1989 (OK) - Jornal Maioria Falante - maio-junho-1988 (1). jpg.).

8. “Yialodê Egbè Eleyè (1988)”

Este título é um prefácio à obra poética “Eu, mulher negra, resisto” de Alzira Rufino, fundadora e principal porta voz da Casa de Cultura da Mulher Negra (CNMN/Santos). Lélia se

identifica com os versos e as estrofes da autora. A força de seus poemas a fizeram lembrar a resistência de Aqualtune, Dandara, Luiza Mahin, Tia Ciata e outras tantas guerreiras, que lutaram heroicamente, ao longo da história, contra o racismo e a opressão. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - Prefacio_obra_poetica_de_Alzira.pdf).

9. “Lélia fala de Lélia (1994)”

No ano de seu falecimento, a Revista Estudos Feministas publicou um artigo de sua autoria *Lélia fala de Lélia*. Uma autobiografia na qual relata suas origens, sua vinda para o Rio de Janeiro – com a família –, sua relação com a mãe, sua entrada na academia e na militância, dentre outros fatos marcantes. Com uma linguagem híbrida, ora acadêmica ora coloquial, Lélia aborda as diferenças entre os movimentos negros no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - Lelia fala de Lelia.pdf).

10. “Carta a Chacrinha – Alô Alô Velho Guerreiro Aquele abraço! (s.d.)”

Nesta carta, ao apresentador de televisão Abelardo Barbosa – conhecido como Chacrinha –, Lélia o parabeniza por ter concedido um depoimento tão contundente no programa de rádio da locutora Cidinha Campos. Por ocasião do dia 21 de março³⁶, algumas personalidades foram entrevistadas, dentre elas Chacrinha. Em ‘alto e bom som’ ele afirma – em rede nacional – que havia discriminação racial no país, em especial na televisão. (Download na íntegra: Acervo Internet - Por Lélia - autoria própria - Carta a Chacrinha.pdf).

Entrevistas

1. “Patrulhas Ideológicas – Lélia Gonzalez (1979)”

Uma entrevista concedida no final da década de 1970, quando ressurgem os movimentos de resistência social. A esta altura, Lélia já era uma porta-voz da militância negra no Brasil e iniciava um intenso diálogo com lideranças negras internacionais. Nesta conversa, Lélia analisa os aspectos políticos e culturais dos movimentos negros no Brasil. Dentre outras questões, destaca a importância do fenômeno do Black Rio na afirmação de uma identidade negra. (Download na íntegra: Acervo Lélia Gonzalez – Itaguaí - Livros Acervo Lélia Gonzalez (OK) – Livros - Livro - Patrulha Ideológica - 1980 - (ALG) p. 202.jpg, até p. 242.jpg).

³⁶ **Saiba mais:** O 21 de Março é o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, concedido pela Organização das Nações Unidas – ONU – em 1976. A data relembra o massacre que ocorreu na cidade de Shaperville, na África do Sul, em 1960, durante o regime do apartheid. Os manifestantes negros protestavam – pacificamente – contra o uso do passe – um documento que ‘autorizava’ sua circulação em determinados espaços de brancos. A mobilização foi surpreendida por forças nacionais que – covardemente – atiraram em direção à população, matando 69 pessoas e ferindo 186. Este genocídio ficou conhecido como o Massacre de Shaperville.

2. “Revista do Cael (1983)”

“O Brasil é um país racista. Não é nenhum paraíso racial, como a ideologia do branqueamento tenta colocar; nem evidentemente, a nossa situação é igual à dos Estados Unidos (...)”.

A Revista do Centro Acadêmico Eduardo Lustosa durante anos foi editada por alunos da Faculdade de Direito da PUC-Rio. Em sua estreia – no ano de 1983 – duas entrevistas foram publicadas, dentre elas a de Lélia Gonzalez. Num cenário de redemocratização da sociedade brasileira, ela destacou o fortalecimento dos movimentos de resistência social, em especial o movimento negro, no qual militou desde a década de 1970. A cultura como instrumento de conscientização política e a situação da mulher negra na sociedade brasileira – seus principais focos de luta – foram aspectos priorizados por ela. (Download na íntegra: Acervo Lélia Gonzalez - 1960-1984 (OK) - Revista do Cael - agosto 1983 (1) (ALG).jpg, até o número (8).jpg.)

3. “Mito feminino na revolução malê (1985)”

Luiza Mahin – Será mito ou realidade? Esta polêmica entrevista de Lélia Gonzalez – concedida ao *Jornal Afrobrasil* – reforça o papel central das mulheres negras na africanização da cultura brasileira. Por outro lado, denuncia as práticas racistas e sexistas presentes na sociedade, as quais excluem essas mulheres dos espaços de poder e decisão. (Download na íntegra: Acervo Lélia González 1985-1989 (OK) - Jornal AfroBrasil – ano1 n24 – 1985 - Entrevista com Lélia Gonzalez - ALG (3).jpg.)

4. “Lélia Gonzalez (1986)”

“Meu processo de branqueamento só parou quando eu casei”.

Esta entrevista ao *Jornal Pasquim*, concedida na década de 1980, é uma referência obrigatória nos estudos contemporâneos sobre Lélia Gonzalez. Suas origens negras e indígenas, seus relacionamentos, posicionamento político, militância, enfim... Tudo isso, e mais, está contemplado neste franco diálogo com Mara Teresa e o cartunista Jaguar, um dos fundadores do *Pasquim*.

5. “Entrevista Lélia Gonzalez (1991)”

“Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoa que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda (...)”.

Nesta entrevista ao *Jornal do Movimento Negro Unificado* – uma das últimas talvez – Lélia faz um balanço de toda sua trajetória nos movimentos negro e feminista. Num momento de autocrítica, destaca o comprometimento político do MNU na luta contra o racismo e o porquê de seu afastamento da entidade – do qual foi cofundadora.

Download na íntegra:

Acervo Lélia Gonzalez - 1990 (OK) - Jornal do MNU - maio-junho-julho- 1991 (ALG). jpg

Acervo Lélia Gonzalez - 1990 (OK) - Jornal MNU - maio-junho-julho 1991 (1) (ALG). jpg

Acervo Lélia Gonzalez - 1990 (OK) - Jornal do MNU - maio-junho-julho-1991 (2) (ALG). jpg.

LINK - O LEGADO

A contribuição de Lélia para os estudos de raça e gênero

No âmbito acadêmico, a partir das décadas de 1970/80, houve uma releitura da historiografia brasileira sobre escravidão. De acordo com o estudioso Flávio Gomes, esta revisão crítica: “(...) dedicada ao estudo da resistência negra procurou privilegiar o enfoque sobre os quilombos e insurreições”³⁷. Neste período, destacamos as contribuições de duas historiadoras negras: a mineira Lélia Gonzalez e a sergipana Maria Beatriz Nascimento.

Lélia foi pioneira ao denunciar, publicamente, a situação da mulher negra na sociedade brasileira. Na década de 1980, com a publicação de um artigo no livro “O lugar da mulher”, propôs uma reinterpretação da figura da Mãe Preta, a qual para ela: “a ‘Mãe Preta’ quanto o ‘Pai João’ têm sido explorados pela ideologia oficial como exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil. Representariam o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo. Entretanto, não aceitamos tais estereótipos como reflexos ‘fiéis’ de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência”³⁸.

Lélia aprofundou esta questão afirmando, em diversos artigos e entrevistas, que a Mãe Preta ao exercer a função materna foi responsável pela africanização da cultura brasileira, com ênfase no aspecto linguístico. Para ela, nosso idioma era o ‘pretuguês’. Além desta, criou também a categoria ‘amefricanidade’ para designar: “todos os descendentes dos africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu ‘descobrimento’ por Colombo”.

Com novas perspectivas de análise, buscou em sua atuação reinterpretar e reconstruir a história do Brasil sob a ótica da mulher negra. No movimento feminista, sua contribuição foi à introdução da questão racial nas suas agendas políticas. Até então, as especificidades das mulheres negras não eram contempladas. Esta dificuldade para lidar com a diversidade era um desafio, também, para o movimento negro, tendo em vista que as questões de gênero não

³⁷ **Nota de rodapé:** GOMES, Flávio dos Santos. Uma tradição rebelde: notas sobre os quilombos na capitania do Rio de Janeiro (1625-1818). Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n17_p7.pdf

³⁸ **Nota de rodapé:** GONZALEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”. In. MADEL, Luz. O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

estavam no centro do debate. Com isso, recorrendo à filósofa Sueli Carneiro: “Lélia enegreceu o movimento feminista e feminizou a raça”.

No entanto, a importante trajetória desta mineira de alma carioca é desconhecida por grande parcela da população brasileira. Desde o seu falecimento, no ano de 1994, estudiosos e militantes têm batalhado para resgatar sua memória e organizar seu pensamento. Cabe destacar algumas publicações sobre sua vida e obra:

- BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Disponível em: http://www.alvaresia.ufba.br/pdf/ahb01s1a_1123_p347.pdf
- BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www2.ufrj.br/pergamum/biblioteca.php?mos=users.php?opcao=1&arq=se=0310340_05/Indice.html
- RATTS, Alex. As americanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos. Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/arquivos/1278274787_ARQUIVO_Asannefricanas.pdf
- Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em: http://www.xicoinhab.eventos.dpe.com.br/recursos/analgs/74308498461_ARQUIVO_Ratts_Os_lugares_da_gente_negra.pdf
- RATTS, Alex & RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista, negro, antirracismo e antissexismo. Disponível em: <http://www.abppn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/.../14>
- Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006. Disponível em: <http://www.cpedu4.com/web/fileDownload.aspx?IDFile=162343>

Homenagens póstumas

Ao longo destes dezoito anos, Lélia tem sido homenageada por sua produção intelectual e incansável militância nos movimentos negro e feminista. No ano de 2003, a ONG Geledés – Instituto da Mulher Negra, coordenado Nilza Iraci, Sonia Maria Pereira, Solimar Carneiro, Sueli Carneiro, dentre outras – criou o “Centro de Documentação Lélia Gonzalez”.

Nesta ocasião, o cenógrafo Marcio Meirelles, em parceria com a Cia dos Comuns dirigida por Hilton Cobra, montou a peça teatral “Candaces: a reconstrução do Fogo”, o nome em homenagem às rainhas do baixo império etíope. No catálogo de apresentação da encenação, assinado por Néia Daniel, Lélia é lembrada como uma dessas guerreiras. (Sugestão de Imagem:

Arquivo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória I-G) Catálogo Candaces - 21-03-2003 (1).jpg)



A amiga e parceira, de longa data, Ana Maria Felipe criou o site: <http://www.leviagonzalez.org.br>, para organizar e divulgar os escritos e principais idéias de Lélia Gonzalez. Nele, encontramos textos, artigos e entrevistas de sua autoria; como também, teses, dissertações, comunicações sobre sua história e pensamento. (Sugestão de imagem: Introduzir a logo do site).

A Revista Eparrei – um periódico da Casa de Cultura da Mulher Negra, Santos/SP – resgatou a trajetória de vida e militância de Lélia Gonzalez, com a contribuição de amigos e parceiros de ativismo que com ela conviveram:

"(...) falar de Lélia, é falar de determinação, de enfrentamento e de aliança com as propostas muitas vezes polêmicas definidas por nós. (...) Vivemos hoje sem Lélia, mas nunca podemos esquecer o que ela foi para todas nós, mulher, corajosa, intelectual brilhante e uma companheira inestimável (Rosália Lemos – Coordenadora Geral de Diversidades do IFRJ)"

"Sempre quando penso em Lélia me vem aquele sorriso escancarado de quem, apesar das dificuldades vivenciadas pelo preconceito racial e de gênero, tinha tanto orgulho de ser mulher e negra, quanto convicção do seu papel de protagonista na história do movimento negro e feminista (Jurema Batista – ex Deputada Estadual pelo PT)"

*"(...) Lélia elaborou uma reflexão histórica de como o 'povo brasileiro', o 'povo negro', a 'mulher negra' constituíram-se personagens de outra história (Elizabeth Viana – ativista e cientista social)"*³⁹. (Sugestão de Imagem: Acervo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória LG) - Capa Revista Eparrei - ano II - n.4 - 1º semestre 2003 (Acervo Redeh). jpg.)

No ano seguinte, dez anos após o seu falecimento, ela recebeu o reconhecimento oficial da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ, com o Diploma Mulher Cidadã Leolinda Daltro, concedido pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. A premiação homenageou mulheres que tiveram significativa contribuição na defesa dos direitos das mulheres e nas questões de gênero. Cabe ressaltar, que foi a estréia do prêmio, o qual já se encontra em sua 9ª edição.

As contemporâneas de Lélia, como Sueli Carneiro, Nilma Bentes, Benedita da Silva, Joselina da Silva, Lúiza Bairos, Rosália Lemos, dentre outras, não poupam palavras ao expressarem sua admiração por ela. Mesmo àquelas que conheceram sua história, recentemente, assumiram a luta antirracismo como um compromisso de vida. Para muitas militantes jovens, Lélia tornou-se uma inspiração.

³⁹ Nota de rodapé: "Mulher Negra tem História: imagens de Lélia Gonzalez". In. Revista Eparrei. Ano II, nº 04, Santos: Casa de Cultura da Mulher Negra, 2003.



A historiadora Raquel Barreto – autora de um estudo comparado entre Lélia e Angela Davies – prestou algumas homenagens a ela. Uma delas foi um encontro na UERJ – instituição que Lélia estudou e lecionou – que contou com a presença de lideranças negras, como Abdias do Nascimento, Magali Almeida, Elizabeth Viana, Néia Daniel, dentre outras. Abdias – que na época completara 90 anos – foi ovacionado por sua força, por sua luta e carisma. (Sugestão de imagem: Introduzir o cartaz do encontro. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/07/287306.shtml>).

Elisa Larkin Nascimento – curadora do Acervo Abdias do Nascimento – compartilhou com o público um episódio que vivenciou com Lélia, quando juntas partiriam para o Ato Público, que deu origem ao MNU: “Não esqueço nunca o dia 7 de julho de 1978: nossa ida a São Paulo para participar do ato público de denúncia contra o racismo nas escadarias do Teatro Municipal que daria início ao processo de fundação e organização do MNU. Da casa de Lélia, saímos de carro ao aeroporto Santos Dumont, e começou a dar problema no motor... morria, parava, conseguia andar de novo, até que parou outra vez e Lélia, decidida, falou “Deixa esse calhambeque aí e vamos nessa!” Pegamos um táxi para a ponte aérea e o resto é história”⁴⁰.

Obviamente que nem tudo é glamour, Lélia passou por muitos espinhos e atropelos, mas com sua garra e firmeza consagrou-se a pioneira do feminismo negro no Brasil. No âmbito acadêmico, ela é uma referência teórica obrigatória nestes estudos, assim como Maria Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza, as quais contribuem com outras perspectivas de análise.



Recentemente, no ano de 2010, os pesquisadores Alex Ratts e Flávia Rios publicaram uma biografia sobre Lélia, que faz parte da Coleção Retratos do Brasil Negro, cujo objetivo é resgatar a vida e a obra de personagens centrais na história da militância negra. O Programa “A Cor da Cultura” – veículo fundamental na valorização da cultura afro brasileira – criou uma série *Heróis de Todo Mundo*, na qual trinta personalidades negras, atuantes nos aspectos político, social e cultural, são contempladas, dentre elas: Lélia Gonzalez. (Sugestão de Imagem: Acervo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória LG) - Livro Lélia Gonzalez - Retratos do Brasil Negro – 2010 -Capa do Livro Lélia Gonzalez).

Na voz de Sueli Carneiro, sua intérprete na série, relembramos um pouco desta grande mulher: “Você quer saber, a cultura negra não é só o samba, o pagode e o funk. Ela está é no

⁴⁰Nota de rodapé: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Lélia Gonzalez: mulher negra soberana. Disponível em: http://www.afirma.inf.br/htm/negra/especial_lg_lgmulhernegraesoberana.htm

‘pretuguês’ que falamos. Transformou a língua e toda a nossa cultura. Sou Lélia Almeida Gonzalez. Sou uma cidadã negra brasileira”. Em reconhecimento ao papel exercido por ela e por outras, que lutaram pela igualdade de direitos; a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, em parceria com outros órgãos⁴¹, criou o Calendário Mulheres no Palco da História. (Fazer um leque com estas duas imagens: Acervo Rede de Desenvolvimento Humano (Projeto Memória LG) - Calendário Mulheres no palco da história - março 2010 - março 2011 - Calendário com Lélia (1). jpg, e Calendário com Lélia. jpg.)

Não foi à toa, que seu nome foi escolhido para compor o Projeto Memória da Fundação Banco do Brasil. Uma mulher que enegreceu a academia, o movimento feminista e introduziu as questões de gênero no movimento negro merece esta homenagem, para que seu legado continue florescendo e fortalecendo as agendas políticas contra o racismo e sexismo, suas principais bandeiras de luta.

A mais recente homenagem à memória de Lélia Gonzalez foi concedida no VII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre os dias 16 e 20 de julho de 2012, em Florianópolis/Santa Catarina. Abdias do Nascimento e Vicente Francisco do Espírito Santo (in memoriam) – importantes lideranças negras do século XX – também foram prestigiados no evento. O sobrinho-filho de Lélia, o Manéu, recebeu as honrarias das mãos de Luiza Bairros, Ministra-Chefe da SEPPIR.

Algumas conquistas

Nas décadas de 1930/1940, organizações do movimento negro exigiam publicamente o aprofundamento da temática africana e a criação de institutos de pesquisa com tal finalidade. Na declaração final do Iº Congresso do Negro Brasileiro, promovido pelo Teatro Experimental do Negro – TEN –, recomendou-se: “o estímulo ao estudo das reminiscências africanas no país bem como dos meios de remoção das dificuldades dos brasileiros de cor e a formação de institutos de pesquisas, públicos e particulares com esse objetivo (...)”⁴². (Sugestão de imagem: Introduzir Reportagem sobre o Iº Congresso do Negro Brasileiro, Jornal Quilombo/Acervo Abdias do Nascimento, IPEAFRO).

Sugestão: Introduzir Nosso Programa do Jornal Quilombo, página 21. Acervo Abdias do Nascimento/IPEAFRO.

⁴¹ **Nota de rodapé:** Rede de Desenvolvimento Humano, Caixa Econômica Federal, Secretaria Especial de Políticas para as mulheres – SPM.

⁴² **Nota de rodapé:** Declaração Final do Iº Congresso do Negro Brasileiro, Regimento Interno, 03 de setembro de 1950. Acervo Abdias do Nascimento-IPEAFRO.

O *Jornal Quilombo* – veículo informativo do TEN – apresentava como propostas, dentre outras: “1. Trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico, artístico; 2. Lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares (...)”.

Além deste importante canal da imprensa negra; as peças teatrais encenadas, por esta instituição, apresentavam rituais da religiosidade de matriz africana. O elenco – para uma melhor memorização dos diálogos e conhecimento da temática – tinha aulas de iniciação cultural e alfabetização. Exemplos como estes, ilustram que já havia uma demanda da militância pela democratização da educação, pelo aprofundamento da História da África, bem como a inclusão da população negra em instituições de ensino.

Na década de 1970/80, com o renascimento dos movimentos negros, esta exigência tornou-se parte integrante das agendas políticas. Lélia onde estivesse expressava a necessidade de conhecermos profundamente os escritores africanos, para buscarmos nossas origens ancestrais.

Na década de 1990, as primeiras ações afirmativas surgiram para garantir o ingresso da população negra no nível superior. O movimento pré-vestibular para negros e carentes – PVNC – surgiu em 1993 na baixada fluminense, com o objetivo de democratizar, efetivamente, a educação. Com diversas iniciativas convergindo, este debate consolidou a criação de cotas para negros em universidades públicas. A primeira instituição que implantou este sistema, por intermédio da lei estadual 4151/2003, foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Esta conquista não ocorreu de forma pacífica, muitas foram às tentativas, inclusive de políticos, de torná-la inconstitucional. (Sugestão de imagem: Introduzir a logo do PVNC, disponível no site: <http://pvnc.sites.uol.com.br/>).

Em 2001, na África do Sul, realizou-se a I Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância. A psicóloga Edna Roland – presidente da Organização de mulheres negras Fala Preta! – foi designada relatora geral do conclave. Esta Conferência foi um marco no avanço das agendas políticas contra o racismo, a xenofobia e a discriminação internacionalmente. Um dos resultados de Durban, no Brasil, foi à aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei do Senado nº 213/03, o qual entrou em vigor – somente – no ano de 2010.

No primeiro mandato do presidente Lula, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR – com status ministerial. A SEPPIR surgiu através da Medida Provisória nº111, de 21 de março de 2003. Esta data foi instituída pela Organização das Nações Unidas – ONU – como o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação

Racial, em memória ao massacre de Shaperville, que assassinou centenas de sul-africanos que protestavam contra o uso do passe. Sem dúvida, a SEPPIR foi mais uma conquista e o resultado da luta histórica do movimento negro brasileiro. (Sugestão de Imagem: Introduzir o cartaz Todas iguais. Acervo Rede de Desenvolvimento Humano).

No âmbito da educação, a lei 10.639 de 09/01/03 estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino. Desde então, diversas ações para capacitação de docentes têm surgido em todo o país. Cabe ressaltar, dentre outras importantes iniciativas, que o Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM, desde 1995, oferece a especialização em História da África e do Negro no Brasil. (Sugestão de imagens: Introduzir os cartazes: 01. Você sabe quem você é? O entendimento de nossa história passa pela memória do continente africano. Acervo Rede de Desenvolvimento Humano. 02. Já falei 10.639 vezes que racismo é crime. Disponível em: <http://mandacarum.blogspot.com.br/2012/06/baixar-o-cartilha-dos-foruns-e-monte-e.html>).

Embora seja uma lei obrigatória, na prática educativa são muitas as resistências. Segundo a historiadora Monica Lima (2000): “A negação desta história esteve sempre nitidamente associada a formas de controle social e dominação ideológica, além do interesse na construção de uma identidade brasileira despida de seu conteúdo racial”⁴³.

O desconhecimento a respeito da temática é um dos fatores que impede sua implantação no processo ensino-aprendizagem. Sem contar que a história oficial deturpou a contribuição africana em nossa brasilidade. Durante muitos anos, os livros didáticos adotados nas instituições de ensino ilustravam os/as negros/as na chibata e/ou passivamente integrados ao sistema escravista. As distintas estratégias de resistência - engendradas pela população negra escravizada - nunca foram contempladas nesses livros. Personalidades heroicas como Mariana Crioula, Manuel Congo, Teresa de Benguela, Luiza Mahin, João Cândido, dentre outras, caíram no esquecimento.

Sem contar com a invisibilidade das escritoras negras nascidas no século XIX: Maria Firmina dos Reis (1825-1917) – considerada a primeira romancista brasileira – publicou *Úrsula*, em 1859; Auta de Souza (1876-1901) poetisa e colaboradora de diversos periódicos no final do século XIX; Josephina Álvares de Azevedo (1851-?), feminista e sufragista, fundou – em 1888 – o *Jornal A família*; dentre outras.

Portanto, a SEPPIR, em parceria com o governo federal, assumiu através desta lei 10.639, o compromisso político de resgatar a nossa africanidade e reinterpretar a nossa história. No ano de 2008, esta legislação foi substituída pela 11.465, a qual incluiu o ensino da história e

⁴³ **Nota de rodapé:** LIMA, Mônica. “Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil”. In: BRANDÃO, André Augusto. *Cadernos PENESB 5*. Niterói: EDUFF, 2000.

da cultura indígena. Porém, organizações do movimento negro têm como referência a lei anterior, uma vez que constitui o resultado de décadas de luta contra o racismo.

LINK - PEÇAS PROJETO MEMÓRIA

Exposição itinerante
Livro Fotobiográfico
Vídeo Documentário
Almanaque Histórico
Concurso de redação

LINK - RUMOS – LOCAIS PESQUISADOS

Metodologia da Pesquisa

- 1) Acervo Lélia Gonzalez – Ilê Oxum Apará/RJ
- 2) Acervo Memorial Lélia Gonzalez – [http:// www.eliagonzalez.org.br](http://www.eliagonzalez.org.br)
- 3) Acervo Iconográfico de Januário Garcia/RJ
- 4) Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil – Rede de Desenvolvimento Humano/RJ – [http:// www.mulher500.org.br](http://www.mulher500.org.br)
- 5) Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – Ipeafro/RJ – <http://www.ipeafro.org.br>
- 6) Acervo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – Arquivo Nacional de Brasília/DF
- 7) Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – <http://www.arquivonacional.gov.br>
- 8) Arquivo do Jornal de Brasília/DF
- 9) Fundação Biblioteca Nacional/RJ – [http:// www.bn.br](http://www.bn.br)
- 10) Associação Brasileira de Imprensa/RJ – http://www.abi.org.br/biblioteca/buscabiblioteca/Livros_login.asp
- 11) Acervo Digitalizado da Folha de São Paulo/SP - <http://acervo.folha.com.br/>

Bibliografia

Livros, teses e dissertações

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. Movimento negro e "democracia racial" no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALBERTO, Paulina L. Terms of inclusion: Black intellectuals in twentieth-century Brazil. North Carolina: Chapel Hill, 2011.

BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CORRÊA, Paulo; SCHUMACHER, Schuma. Minas de Quilombos. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2008.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Depois da Festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina (Org.) Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 333-380.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

OLIVEIRA, Rosália Lemos de. Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Psicologia, 1997.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo de (Org.). Quem é quem na negritude brasileira. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

RATTS, Alex & RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. Mulheres Negras do Brasil. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007.

SILVA, Francisco Ernesto da. Candeia e a Escola de Samba Quilombo: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afrobrasileiras. Graduação em História (Monografia). Universidade Guarulhos, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006.

XAVIER, Giovana. A atualidade de Lélia Gonzalez. In. Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina. Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 34-48.

XAVIER, Giovana. Brancas de Almas Negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-abolição (EUA, 1890-1930). Tese (Doutorado em História), Campinas, Unicamp, 2012.

Comunicações

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010.

_____. Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Artigos em jornais e periódicos

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Revista Afro-Ásia, UFBA, nº 23, 2000.

_____. Nossos feminismos revisitados. Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras, v. 3, n. 2, p. 458-463, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Revista Estudos Avançados, USP, 17 (49), 2003. p. 117-132.

FELIPPE, Ana Maria. Para (re) ver Lélia Gonzalez. Revista Eparrei, ano II, nº 04, 1º semestre 2003. p. 08-09.

FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil. Jornal do Brasil, 17 de julho de 1976.

GONZALEZ, Lélia. A esperança branca. Folha de São Paulo, Caderno Folhetim, 21 de março de 1982, p. 05.

_____. Entrevista. Jornal O Pasquim, Rio de Janeiro, ano XVII, 20/03 a 26/03 de 1986, n. 871, p.08-10.

_____. Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas, n.2, 2º semestre de 1994, p. 383-386.

_____. Mulher negra, essa quilombola. Folha de São Paulo, Caderno Folhetim, 22 de novembro de 1981, p. 04.

_____. Racismo por omissão. Folha de São Paulo, Caderno Opinião, 13 de agosto de 1983, p. 03.

_____. Taí Clementina, eterna menina. In: Folha de São Paulo, Caderno Folhetim, 21 de fevereiro de 1982, p. 05.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras, v. 3, n. 2, p. 464-478, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

LIMA, Mônica. "Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil". In. BRANDÃO, André Augusto. Cadernos PENESB 5. Niterói: EDUFF, 2000.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. Revista ABPN, v. 01, nº01, março-junho de 2010.

Entrevistas realizadas para o Projeto Memória – Lélia Gonzalez

Eliane de Almeida - dia 17 de outubro de 2011.

Elisa Larkin Nascimento - dia 14 de outubro de 2011.

Januário Garcia - dia 28 de setembro de 2011.

José Luiz Fernandes Dias - dia 13 de outubro de 2011.

Pai Jair D'Ogum - dia 11 de abril de 2012

Roselívia Almeida - dia 05 de maio de 2012.

Rubens Rufino - dia 20 de outubro de 2011.

Sueli Carneiro - dezembro de 2011.

Vídeos

I Encontro Nacional de Mulheres Negras – PT I. Acervo Digital de Cultura Negra – Cultne. Vídeo Disponível em: http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=417, acessado em 14 de outubro de 2011.

Marcha Negra 1988. Acervo Digital de Cultura Negra – Cultne. Vídeo Disponível em: http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=1, acessado em: 14 out. 2011.

Entrevista concedida a Mali Garcia para o documentário “As Divas Negras do Cinema Brasileiro”. Lélia Gonzalez – parte 1. Duração: 10’16”.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8&feature=related>

Entrevista concedida a Mali Garcia para o documentário “As Divas Negras do Cinema Brasileiro”. Lélia Gonzalez – parte 2. Duração: 11’21”.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aiTfzVKhsGw>

Homenagem à Lélia Gonzalez – Associação de Mulheres Brasileiras (AMB), 1994. Acervo Rede de Desenvolvimento Humano, Redeh.

Lélia Gonzalez (1935-1994), por Sueli Carneiro. Duração: 2’03”.
Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>

Um Novo Jeito – Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), 1985, 43 minutos. Acervo Arquivo Nacional, RJ.

Fontes Primárias (Acervo Lélia Gonzalez)

A mulher negra na luta. Informe Mulher/CNDM, nº08, novembro de 1988.

GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. Revista Humanidades, ano V, 1988. p. 23-25.

_____. A presença negra na cultura brasileira. Galeria de Arte Moderna, Jornal Mensal de Artes, nº37, março 1977.

_____. As amefricanas do Brasil e sua militância. 1988.

_____. E a trabalhadora negra, cumé que fica? Jornal Mulherio; ano II, nº 7, maio-junho de 1982, p. 09.

_____. Entrevista. Jornal do MNU, nº 19, maio-julho de 1991. p. 08-09.

_____. Entrevista. In: PEREIRA, Carlos Alberto M. & HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Patrulhas Ideológicas. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 202-212.

_____. Entrevista. Revista do CAEL, agosto 1983, p. 07-20.

_____. Festas populares no Brasil. Rio de Janeiro: Index, 1987.

_____. Mulher negra e participação. Comunicação apresentada no IIIº Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAA), organizado pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA e pelo Conjunto Universitário Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 1-5 de agosto de 1983.

_____. Odara Dudu=Beleza Negra. Folder de Campanha de Lélia Gonzalez para Deputada Estadual pelo PDT/RJ, em 1986.

_____. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982.

_____. Por um feminismo afrolatinoamericano. Revista ISIS Internacional/Mudar, n.º09, Santiago, 1988.

_____. Prefácio. Cadernos Negros Poesia 05, Grupo Quilombhoje, São Paulo, 1982. p. 3-6.

_____. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos. Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1983.

_____. Relatório entregue à Fundação FORD, 10 de dezembro de 1984.

LINK - CRÉDITOS

LINK - CONTATO